

**O livro "Oitocentas léguas a pé"
foi editado pela Edições Melhoramentos,
no ano de 1925.**

**Possui o formato A5 (13 x 18 cm)
encadernado com costura.**

Com capa dura ilustrada a cores.

**Possui 97 páginas em preto e
branco, com fotos em p/b.**

Esta obra foi cedida pelo
chefe Alexandre Banchi

**A digitalização e montagem
do pdf foi feita pelo Chefe
Paulo do site lisbrasil.com**

A. B. Nepomuceno

Oitocentas léguas a pé!



EDIÇÕES MELHORAMENTOS



11
8.
D. 01.
BIBLIOTHECA DA ADOLESCENCIA

Serie I

Livro III

A. B. NEPOMUCENO

OITOCENTAS LEGUAS A PÉ!

Raid de Fortaleza (Ceará) a S. Paulo,
por tres escoleiros da A. E. C.



EDITORA-PROPRIETARIA

COMP. MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO

(Weiszflög Irmãos Incorporada)

S. PAULO - CAYEIRAS - RIO

Do nosso querido filho
Rodolpho, tenente ca-
pitão de Marinha e
papai —

Antoniello

INDICE

Rodolpho

1.º ano - 944

I — O escotismo no Ceará e a idéa do «raid». Preparativos	5
II — O inicio da jornada. Primeiros embarços	10
III — De Pacatuba a Baturité	14
IV — O «Sertão» de novo. Quixadá. Quixeramobim. Senador Pompeu. Iguatú. Cedro	21
V — Lavras. Uma educadora notavel. Rumo da Parahyba. Cajazeiras. O cantador Café	28
VI — Nos sertões do Parahyba. «O homem em terra aléia...». Primeiros dias de fome.	34
VII — A travessia de Pernambuco. Em plena região do «cangaço». «Lampeão» e seus perseguidores. Horas de angustia. Um quadro de fanatismo	37
VIII — Alagoas. Uma estrada de ferro... de crianças. A memoria viva do grande cearense Delmiro de Gouveia. Piranhas. Horas de fome e de desespero... Bello Monte e Traipú	46
XI — Sergipe. Propriá. Necessidade de roupas. Capella. Perdidos... Um millionario. Aracajú	56
X — Atravessando a Bahia. São Salvador. Uma Bandeira histórica. Queimadas de centenas de kilometros. Tuassú e sua maravilhosa gruta natural. Bom Jesus das Meiras. Riquezas adormecidas	60
XI — Minas. Do alto dos contra-fortes da Cordilheira do Espinhaço. Panoramas infinitos! Tremedal. Rio Pardo e Grão-Mogol	70

- XII — Turmalina. Um baile desfeito... involuntariamente. Primeiras noticias da revolução em São Paulo. Diamantina. A exploração de diamantes em Mendanha. Sempre a natureza formidavel e o homem inculto 74
- XIII — Sete Lagôas. Mais proximos da civilização. Bello Horizonte, a linda cidade. Ouro Preto e Juiz de Fôra. 79
- XIV — Rumo de Petropolis. Novos horizontes, novas emoções. A Capital Federal. O escotismo como factor da união brasileira 88
- XV — A Capital Federal. Dois traços sobre a psychologia do carioca. Rumo de São Paulo. Emfim, vencedores! 91
- H. C. — Patria! (Hymno de viagem) 95

S



CAPITULO I

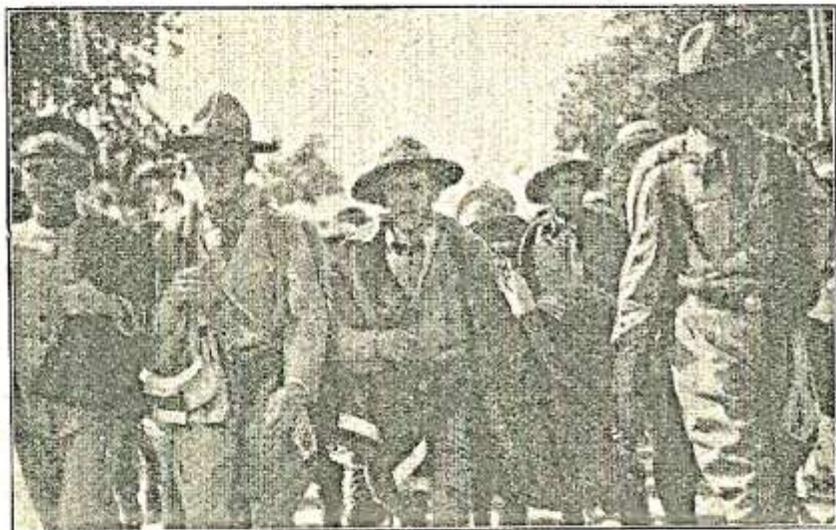
O escotismo no Ceará e a idéa do «raid». Preparativos

Oitocentas leguas, a pé, pelo interior do Brasil! E' preciso tel-as palmilhado, sob um céu de fogo, rasgando os pés nas pedras e nos espinhos, com sede e com fome, muitas vezes, para se ter idéa exacta de tão grande esforço. Basta um lance dê olhos pelo mappa, para se aquilatar, porém, embora de longe, o que foi essa temerosa empresa. Cinco moços sem auxilios officiaes, sem aparelhamento mesmo, para tão longa jornada, transpõem grande parte dessa distancia, e tres delles chegam, afinal, á desejada méta, depois de 183 dias de caminhada!

O que observaram e o que soffreram, as maravilhas que viram, as deliciosas emoções da vida ao ar livre, como as angustias da fome e as incertezas do perigo, da morte muitas vezes, vista face a face, — de tudo pretendemos aqui discorrer singelamente, para que se conheça melhor a fibra do caboclo do Nordeste, a sua energia e resistencia, como as immensas riquezas e pujança do Brasil que ainda desconhecemos.

Antes, porém, de narrar a viagem por miúdo, vejamos como marcou a idéa do «raid» e o desenvolvimento do escotismo no Ceará.

Quando um brasileiro qualquer que seja, se levanta para exaltar a sua Patria, lembra o descaso e a falta de amor que se vem ligando ás suas riquezas, ou rénder-lhes uma homenagem por mais modesta que seja, não faltam dentre seus proprios irmãos, vozes que se levantem contra sua iniciativa chamando-o até de desoccupado e louco! Tinhamos que reagir e o fizemos com rara felicidade. O esco-



Os escoteiros no inicio do «raid» — Partida de Fortaleza (Ceará)

teiro cearense, não quer para si a alcunha de Jeca-Tatú com que o Snr. Monteiro Lobato denominou o caboclo brasileiro! Ainda mais, elle quer provar que o talentoso escriptor obedecia ao impeto de uma simples paixão ou desconhecia por completo os costumes rigidos e a actividade do nortista.

Assim essa trindade de irmãos, Manoel Bastos de Oliveira, José Lima Verde e Arthur Baptista Nepomuceno, tentou travessia formidavel e assombrosa

atravez dos sertões de Ceará — Parahyba — Pernambuco — Alagoas — Sergipe — Bahia — Minas Geraes — Rio de Janeiro e São Paulo, dando 7.207.335 passos ou sejam 864 leguas, 5 kilometros e 265 metros; e afinal levou á inconfundivel Paulicéa o seu abraço de irmãos e amigos, evidenciando assim, a actividade e o destemor que bem caracterisam os cearenses, ou os «bandeirantes do Norte» como nos classificaram bondosos paulistas.

Nessa penosa travessia, aprendemos muito, e, sobretudo aprendemos a soffrer por uma idéa. Assombrámos e edificámos a todos os filhos dos Estados vizinhos, que nos viram penetrar pelas ruas de suas cidades, ainda fortes, audaciosos, e bem dispostos, tendo muitas vezes a vista e o tympano influenciados pela fome irresistivel e sede cruciante; sentindo as ultimas forças nos fugirem, enquanto que os pés enlameados sangravam...

Estamos certos, de que assim procedendo, mantivemos a convicção de que acabámos de prestar relevante serviço á nossa amada Patria. Assim, partimos com recommendação das autoridades e das Associações que por nosso intermedio abraçaram suas congeneres de São Paulo. Foram as seguintes: Phenix Caixeiral, á qual temos a subida honra de pertencer; Associação dos Empregados do Commercio; Merceeiros, Circulo Catholico, Associação Commercial, Deus e Mar, Moços Catholicos, Associação Sportiva Cearense, conduzindo tambem circulares da Associação de Escoteiros do Ceará á de S. Paulo; do Snr. Prefeito Municipal, Adolpho G. de Siqueira, para as prefeituras comprehendidas no itinerario; e uma saudação do Estado do Ceará a sua Excia. o snr. Presidente da Republica, que nos foi confiada pelo Snr. Ildefonso Albano, então Presidente deste Es-

tado, que para sempre conservará em seu seio a faixa luminosa de sua magnifica quão sabia administração. Traziamos tambem uma saudação ao grande jornal «O Estado de S. Paulo» e outra ao Director da Instrucção, da parte do professor paulista Snr. Lourenço Filho, então Director da Instrucção no Ceará.

Puzemo-nos, pois, em marcha.

CAPITULO II

O inicio da jornada. Primeiros embaraços

Na manhã de 2 de Dezembro de 1923, envolvidos por uma multidão de entusiastas e de curiosos, de autoridades, de parentes e amigos, deixavamos a praça Marquez de Herval, canto do edificio da Phenix Caixeiral, para o inicio do raíd.

Multiplas e varias foram as tribulações, as maguas, as amarguras, as dores que nos assaltaram ainda nos subúrbios de Fortaleza. Tão sómente o arrependimento não nos feria: a esta ridicula idéa que costuma assaltar aos vis e fracos, quando tentam muitas vezes praticar uma boa acção, nada podemos dizer, porque sempre e sempre lhe votámos um justo e merecido desprezo; não sabemos si por temperamento ou educação ou pelo simples facto de sermos cearenses!

E assim, de frente erguida, e plenos de justo orgulho, contemplámos pela ultima vez os tectos de nossas casas, apertámos as mãos dos nossos parentes e amigos, e nos transportámos ao suburbio de Porangaba, onde experimentámos pela primeira vez, após um ligeiro percurso de 11.058 passos, um pequeno descanso de meia hora.

Porangaba é um lugar encantador. Vale bem o nome indigena que possui — «Belleza.» Ahi fica a doce lagôa do mesmo nome, onde Iracema, a immortal personagem de Alencar, alegremente se banhava.

Descançámos, assim, á beira dessa lagôa e á sombra dos seus formosissimos mangueiraes e cajueiros enormes, e resolutos proseguimos.

Deviamos alcançar nesse dia o termo da primeira etapa, fazendo 35 kilometros, e deixando a zona-do littoral.

Dalli demandariamos os nossos invejaveis, poeticos e tradicionaes sertões, onde se respira o ar puro e onde se gosa uma vida feliz, testemunhando cada dia o valor tradicional e immutavel do caboclo do Nordeste.

Mas os primeiros embaraços surgiam. Nossos pés ameaçavam protestar contra tão violenta caminhada.

A sede era intensa e implacavel. A borracha dagua que levavamos se esvasiava promptamente.

Era natural, no primeiro dia: já contavamos com os primeiros espinhos... E continuavamos o caminho, alegres, cantando um hymno...

De espaço a espaço, pela estrada que é commum, até certo ponto, para a prospera cidade de Maranguape, surgia um auto e nos envolvia de pó. Mais frequentemente, os longos comboios de muares nos barravam o caminho.

Bem conhecida é a teimosia do jumento. Elle não se desvia e, se não se lhe dá caminho, esbarra e pára... Mas valente e prestimoso animal que elle é! Com um caçuá⁽¹⁾ de cada lado, cheio de farinha, de arroz, de bananas, passa indifferente ao sol, á fadiga e ás pancadas do comboieiro.

(1) Cesta tosca para transporte de cargas.

Tão característica é a sua paciência e resignação ao trabalho que de ha muito se tornou proverbial..

Mas eis-nos chegados ao Kagado. Aqui a estrada de rodagem, quasi toda macadamizada, deixa sahir um ramo, não tão bem tratado, parâ a cidade de Pacatuba, que devemos alcançar hoje.

Parámos um instantê, e entre gracejos, olhamos já com ligeira saudade a longa fita da estrada.

Adeus, Fortaleza!

Adeus, pais e irmãos! Por mais de um anno iamós deixal-os, para fazer valer a nossa palavra e demonstrar a rizeza da nossa energia.

*
* *

Logo que atravessámos o riacho do Kagado, retomámos caminho corajosamente. O riachô estava todo secco, com o seu leito, de areia grossa e pedras, faiscando ao sol.

Poucos passos além, Santo Antonio de Pitaguary mostrava as suas primeiras casas. E como o caminho se aproxima da serra da Aratanha, divisámos muito perto o seu soberbo desenho. Aqui em baixo, tudo secco. Lá em cima, como por milagre, tudo verde!

Si pudessemos bem corriamos para lá. Mas Pacatuba não estava longe. Mastigavamos uma ligeira refeição e seguíamos pensando nos doces magnificos da industria pacatubense.. (1)

O sol começou a declinar.

Vencemos Monguba e deixámos agora, á direita, a estrada de ferro que dantes tínhamos pela frente, e as convidativas encostas da serra.

(1) Pacatuba é celebre pelos seus doces de bananas e goiabas.

Por este lado, a serra é mais abrupta. Grandes lages apparecem no seu dorso, sustentando coqueiros enormes, bananeiras sem conta, abacateiros e cajueiros. Uma ou outra casa se vê na encosta.

— Parece uma lapinha (presepe) disse um dos companheiros!

— Parece mesmo!

E todos fizemos silencio. Todos adivinhavamos o pensamento uns dos outros. E elle nos suffocava com esta interrogação tão simples, mas tão pungente:

— Onde iremos passar o Natal este anno?...

*
* *

As 20 horas do mesmo dia, vencendo 35 kilometros da primeira etapa, chegámos á cidade de Pacatuba. Dois kilometros antes, uma banda de musica, seguida de centenas de pessoas, nos esperava festivamente. Entre aclamações, fomos levados ao confortavel Hotel Siqueira onde jantámos. Ahi fomos saudados, em nome da população d'aquella bella cidade, pelo talentoso Dr. José Beltrão Carneiro, autoridade da comarca.

No dia immediato fomos distinguidos com a visita de todas as autoridades locaes e muitas familias.

Nesse mesmo dia, ás 14 horas, visitámos a bella matriz da cidade, ha pouco reconstruida pelo incansavel Vigario Padre Vital Gurgel Guedes, que entre os pacatubanos seus verdadeiros irmãos, vem alcançando sempre os maiores triumphos em todas as campanhas em que se ha empenhado, em bem do amôr e da piedade, em bem do progresso, da virtude e da paz.

A' noite, em um dos salões familiares, comparecemos a um grande baile offerecido pela mocidade Pacatubana aos Escoteiros do Raid — Ceará-S. Paulo

Antes de partirmos, fomos honrados tambem com uma visita da zelosa directora do Grupo Escolar de Pacatuba, Prof. Candida Setubal Pessoa, que nos fez entrega de uma commovida saudação.

CAPITULO III

De Pacatuba a Baturité

De Pacatuba, ás primeiras horas do dia 4, demandámos a villa de Agua-Verde. Fomos acompanhados, até dois kilometros fóra da cidade, por innumerados conterraneos, e pelo meu extremecido e carinhoso pai, João Baptista Nepomuceno, que embora reconhecendo a necessidade de me deixar partir, nessa cruzada perigosa, não pôde disfarçar duas lagrimas saudosas.

Si bem que muito commovido tambem, disfarcei as minhas. Um escoteiro não chora: age! E como a acção ali era caminhar, dei o signal de partida.

Longo tempo, voltando a cabeça, vimos o vulto amigo das pessoas que nos tinham acompanhado até ali. Ellas nos acenavam com os lenços e chapéus. De repente, sem que percebessemos, um cajueiro frondoso interceptou-nos a vista.

Horas depois estacionámos na povoação Guayuba, onde nos demorámos cerca de meia hora. Rumámos depois para a fazenda Matta-Fresca, sendo hospedes do espirituoso conterraneo Joaquim da Matta

Fresca. Esse bom caboclo, assim que nos viu chegar, exhaustos e estafados, ordenou immediatamente á sua esposa que preparasse alguma cousa para os moços que acabavam de derrubar as suas cargas no appendre.

— *«Pronde vomiceis se bota?»* — indagou Matta Fresca.

— Vamos passeiar em São Paulo, respondemos.

— *«Espere! Vomiceis vae de pé?»* — Perfeitamente. Ainda não ouviu fallar nos Escoteiros que vão tentar a travessia do Ceará a São Paulo?

Sem dar mais attenção, como si não tivesse entendido, perguntou apontando para o tubo em que conduziámos o itinerario.

— *«Mais», moço, explique que diabo vomiceis trais dentro desse «bichinho»?*

— Ah! está o mappa da viagem, respondemos.

— *«Cuma?»* interrogou Matta Fresca, esfregando os olhos. —

— *«Moço me pordôe, arripita de novo, priquê de certo tempo pra cá tenho taôo aborrecido dos ôio.»*

— Nesse tubo, acrescentámos, conduzimos nosso traçado. O Snr. deseja ver?

— *«Nhôsim, moço. Deixa chamá minha veia — ô Maria, vem vê mais eu o treçado dos moços.»*

Começámos então mostrar-lhe o traço que indicava os pontos por onde devíamos passar, emquanto este soltava boas gargalhadas dizendo: —

— *«Mais vomiceis são damnado mesmol! Ora veja só! com este pedacinho de papé ir este mundo de meu Deus! Isso deve sê mió que cavallo pra andá.»*

Novas gargalhadas estrugiram...

Após o animado almoço que nos foi servido pelos senhores Anisio Rocha e Waldemar Coelho, que nos acompanharam de Guayuba a esta fazenda, o nosso Matta Fresca, dando com os olhos n'uma bussola, que conduziámos, perguntou:

— *«E este negociinho redondo que vem-a sê?»*

— Isso é uma bussola, dissemos.

— *«Será o mesmo que relajo?»*

— Não. Isto serve para indicar o Norte. Si por acaso nos perdermos no matto, isto nos ensinará o caminho.

— *«Hom'essa! Só ven'o...»*

— Pois é facil. O Snr. está vendo esta agulha mexendo?... Ella mostra p'ra que lado está o Norte; daqui sabemos para que lado fica o Nascente, o Poente e o Sul. Como temos um mappa, que o Snr. já viu, seguimos sempre certo.

— *«E a «bichinha» mexe sempre assim?»*

— Não. Quando ella acha o Norte ella pára.

— *«Ora, já se viu! A gente achá agúia eu já vi, «mais» agúia achá «argúia» coisa é que o fio do meu pai não viu ainda...»*

E ria, perdidamente, o bom do homem, da sua graça innocente, mas a proposito.

Topámos assim, logo com um desses legitimos espiritos vivos do sertão, como tantos encontrámos, mostrando a intelligencia inculta, porém viva, do nosso caboclo. São como os diamantes que iamós encontrar mais tarde, perdidos e mergulhados em espessa «ganga». O que atrophia o caboclo é a ignorancia, a superstição e o fanatismo!

Emquanto reflectiamos estas coisas, o Matta Fresca se afastava dizendo:



Os escoteiros do «raid» festivamente recebidos na cidade de Redempção (antiga Acarape) Ceará.

«Nhô sim! quanto mais se dura mais se sabe das coisas. E eu se tivesse morrido hoje de manhã tinha ido pru-inferno sem conhecer estas coisas. Homi agora só me farta conhecer, pra mode contar de certo duas coisa: qui é boi avuá e difunto se ri...»

* * *

No dia immediato rumámos á cidade de Redempção (1), sendo hospedes do Snr. Coronel Juvenal Carvalho, e altamente distinguidos pelas auctoridades locais, que nos dispensaram muitas attenções e carinhos.

O Dr. Francisco Salgado, mui digno prefeito municipal d'aquella cidade, nos fez entrega do seguinte attestado:

«Com ufanía, pelo valor e gloria cearense é-me grato patentear nestas linhas o meu orgulho e enthusiasmo pelo arrojado e nobre empreendimento a que se propõem os meus valorosos conterraneos: Arthur Baptista Nepomuceno Manoel Bastos de Oliveira e José Lima Verde.»

As 17 horas do mesmo dia, quando partimos de Redempção, para a vizinha fazenda «Maleitas», de propriedade do Snr. Cel. Vicente do Valle, fomos, em frente a Matriz, saudados com votos de feliz viagem pelo zeloso Padre Luiz Carvalho Rocha e muitas familias.

Em seguida, acompanhados pelo mesmo vigario, muitas associações religiosas e crecido numero de populares, que nos seguiram um kilometro fóra da cidade, passámos em frente ao posto policial onde foram prestadas ao Pavilhão Nacional, que conduziamos, as devidas continencias.

(1) Esta cidade tem este nome em commemoração do facto de se extinguir a escravidão no Ceará em 1884, quatro annos antes da «Lei Aurea».

Esse amado pavilhão era como que o signal de nosso patriotico fito, um thesouro a guardar e um talisman precioso! Era mais um compromisso a não esmorecer, um consolo nas angustias e um brado de alerta nos perigos! Vendo-o saudado a cada passo nos nossos sertões, ufanava-nos a idéa de que o caboclo já não o desconhece e o estima profundamente.

* * *

Tendo pernoitado na fazenda «Maleitas», muito cedo partimos para Aracoyaba, a antiga villa de Caneas.

Avizinhando mais da fresca serra de Baturité, sentiamos mais propicio o caminho e mais amena a paisagem. Ao longe, a elevação sempre verde de suas mattas como nos convidava a proseguir, para merecido descanso.

De facto, como que mais rapida foi a caminhada dos muitos kilometros que nos separavam. E com que alegria avistámos o casario na collina, com as torres da sua alva igreja, e as casas subindo pela encosta...

Já nos esperavam, á porta do Putiú, antes da estação da estrada de ferro, o Snr. Cel. João Cordeiro e sua exma. familia. O Cel. João Cordeiro, que já foi senador e alta figura politica da Republica, bem comprehendia a significação patriótica de nosso commettimento, e muito carinhosamente nos tratou na sua aprazivel cidade.

Logo depois, fomos suprehendidos por crecidissimo numero de pessoas, tendo á frente harmoniosa banda de musica local, e o luzido grupo de escoteiros do Grupo Escolar e representantes de todas as classes sociaes. Conduzidos á gare da Baturité, falou o

Dr. João Paulino de Barros Leal, traduzindo a emoção verdadeiramente fraternal de que se achavam possuídos todos os filhos d'aquelle bello recanto cearense.

Baturité, que já foi a rainha do sertão, com commercio importantissimo, esteve algum tempo decadente, mas hoje se reanima a um surto de novo progresso.

Tem um Paço Municipal grandioso, um bem organizado Grupo Escolar, uma Escola Parochial, diversas industrias adiantadas, e muito movimento agricola.

E dahi que se sobe para Guaramiranga, a formosissima estação de repouso, onde as principaes familias de Fortaleza vão veraneiar.

Guaramiranga tem um clima comparavel aos melhores do paiz: em certa epoca do anno sua temperatura, sempre fresca e firme, não oscillando sinão entre dois ou tres graus, é verdadeiramente deliciosa! Suas fructas são incomparaveis. Ha muitos annos exportavam-se laranjas dahi para a Inglaterra, onde eram muito bem acolhidas.

E o café? E a canna? E os abacates? E um sem numero de outras fructas?... Tudo do melhor! Guaramiranga é um pedaço do céu.

Desta vez, porem, lá não fomos.

Seria desviar o caminho e urgia marchar.

No dia seguinte, no Hotel Central, foi-nos offerecido lauto jantar pela mocidade Baturitéense, que se congratulando com a nossa iniciativa não poudes esconder seus altos sentimentos civicos. Falou o talentoso e festejado poeta Julio Maciel, em uma eloquente e vibrante saudação, que muito nos emocionou.

As 7 horas da noite, comparecemos a um baile, no sumptuoso salão do Paço Municipal, havendo

enthusiasticos vivas e estrondosa salva de palmas, quando penetravamos no artistico salão, ricamente adornado.

Bellas horas ahi passámos! Ellas nos falam ao coração até hoje, de envolta com a visão daquelle doce paisagem, onde o riacho de Pitiú soluça sob as mangueiras enormes, as mongubeiras e os coqueiraes...

CAPITULO IV

O «Sertão» de novo.

Quixadá. Quixeramobim. Senador Pompeu.

Iguatú. Cedro

«Sertão» tem no Nordeste, uma significação particular, que talvez devamos precisar. São os tableiros, de declive insignificante, a «caatinga» e os campos de criação — assim chamados em opposição ás serras e ao littoral.

Deixavamos assim Baturité, e a serra, para nos embrenharmos de novo nos duros caminhos do sertão! Na secca, a caatinga é inhospita; tudo sem folhas, o chão escaldante, os riachos seccos, o sol inclemente. Mas desde que chova tudo aquillo se põe num jardim! Os passaros cantam nas arvores e arbustos floridos, o gado engorda e satisfeito e alegre, anima com os seus berros a vida dos campos sem fim!...

Já havíamos vencido mais de cem kilometros até Baturité. Agora, demandavamos Quixadá, uma das mais importantes cidades do sertão e tradicional pelo grande açude que lhe fica proximo.

Partimos para lá, acompanhados até certa distancia pelos escoteiros do Grupo Escolar.

Os inesquecíveis amigos João Castellar Montenegro e João Cordeiro Sobrinho, num requinte de gentileza, e dando prova de sua grande resistencia physica, quizeram acompanhar-nos até Quixadá.

A uns sete kilometros antes de entrarmos na cidade, fomos cumprimentados pelos Drs. Euzebio de Souza, e Eugenio Avellar, juiz de direito e presidente da camara, respectivamente, e ainda pelo Snr. Queiroz Pessoa, notavel commerciante d'aquella praça. Logo depois, encontrámos a Philarmonica local, seguida de centenas de pessoas, dominadas de curiosidade e entusiasmo.

Foi assim, festivamente, que penetrámos pelos grandes penhascos que rodeiam a cidade, como restos de muros gigantescos.

Quixadá impressiona singularmente por essas pedras enormes, pelo perfil longinquo da serra do Estevam, onde se acha o edificio, hoje desaproveitado, do grande collegio dos Benedictinos, pelas ruas largas e direitas, pelo grande asseio e uniformidade das construcções.

Sua vida commercial é intensiva.

Ha aqui, para Aracaty, o antigo e importantissimo porto cearense, uma estrada de rodagem muito boa, permitindo trafego franco de automoveis. O commercio se faz por ella com Morada Nova, União, Russas, Limoeiro, Pereiro e outros lugares.

..

Sempre recebendo as maiores gentilezas das autoridades, da «*Liga Proletaria*», do professorado e alumnos do progressista Grupo Escolar, fomos vi-

sitar o Açude do Cedro, o primeiro grande açude do Ceará construido por ordem do magnanimo D. Pedro II.

Vendo-o, e verificando em pessoa os grandes beneficios que elle produz, cada anno, lembrámos a frase de Pedro II:

— «Penhem-se as joias da corôa, mas que nenhum brasileiro morra de fome!..»

O grande lago artificial é uma maravilha de construcção e de um pittoresco sem conta. A barragem é em linha curva, de construcção muito bem acabada. Ficam-lhe juntos grandes penhascos como a Pedra Faladeira, que responde ás nossas palavras com écos, e a Pedra da «Gallinha-Choca».

As aguas não só servem á agricultura, á jusante, como nas margens, sempre frescas; o numero de peixes é incalculavel.

Quasi encostado á barragem, está o edificio da Escola Agricola, e o bellissimo pomar annexo. E dizer-se que está quasi abandonada, por falta de verba! É doloroso.

Mas um dia, os administradores publicos hão de fazer daqui uma maravilha do sertão.

* * *

A tarde do mesmo dia, visitámos a utilissima associação «*Liga Proletaria*», que nos fez portadores de uma saudação á sua congénere de S. Paulo, assim redigida:

«Se foram os representantes da raça nordestana que deram o grito da liberdade em 1817, cinco annos antes do grito do Ipiranga; se foram elles que, quatro annos antes de 13 de Maio, mostraram ao mundo que

já estavam partidos os grilhões e fechadas as senzalas em vastas zonas do Nordeste;

Se foram elles que antes de 15 de Novembro, 65 annos antes, comprovaram já existir em territorio brasileiro a Confederação do Equador;

Se foram elles que desbravaram a Amazonia...

São elles ainda que, pela genuina representação desses tres valorosos moços — José Lima Verde, Manoel Bastos de Oliveira e Arthur Nepomuceno, e por intermedio desse «Raid Ceará S. Paulo», que ora emprehendem, vão reafirmar ao progressista poyo de S. Paulo o seu maximo valor, jamais desmentido, e sempre vantajosamente posto em prova.

Attestando a sua passagem por esta cidade, só nos resta fazermos votos pelo termino feliz da patriota jornada e que o grande Deus possa guiar os seus passos a salvo dos perigos e vicissitudes a que, de commum, estão sujeitos tão destemidos viajores.»

Quixadá, 13 de Dezembro de 1923.

(a) Euzebio de Sousa.»

* * *

Agora, rumo a Quixeramobim, outra tradicional cidade do Ceará. Embora fatigados, caminhavamos sempre, sem perda de tempo.

Afastámo-nos um pouco do traçado da estrada de ferro, para pernoitar na fazenda «Bom-Successo», do Dr. Hollanda Cavalcante, e ahi ouvimos queixas sobre a falta de braços na agricultura e criação da grande propriedade. E dizer-se que tantos e tantos cearenses emigram!

Emfim, falta-nos melhor organização, mais garantias mesmo aos nossos trabalhadores nacionaes. Não é só a secca, o grande espantallo e o grande mal do Ceará. É o descuido em muitos ramos da administração que se eternizam.

Em Quixeramobim, fomos entusiasticamente recebidos por toda a população, sendo-nos dispensadas durante o tempo de nossa estadia ali, as mais attraentes demonstrações de carinho.

Visitámos o Posto Meteorologico, que se acha muito bem installado, e administrado pelo Dr. Clovis Nogueira de Freitas, Prefeito Municipal.

Em seguida acompanhados por muitas pessoas gradas, visitámos as obras da barragem do Açude de Quixeramobim, em construcção pela saudosa Inspectoria de Obras Contra Seccas...

Como já se previsse a suspensão de seus trabalhos, encontrámos um espirituoso caboclo, que, ouvindo nossas queixas sobre tanto desperdicio da Nação, nos lembrou: «Senhores escoteiros! A cerveja que os inglezes consumiram, dava para encher este açude; e as garrafas vasiaas davam para fazer a parede».

Achámos muito espirito, mas sentiamos como que um espinho no coração. Pobre Ceará! Em seu nome fizeram-se gastos enormes, sem proveito nenhum do povo!

Dahi, partimos para Senador Pompeu, nome que recorda um grande cearense do Imperio e ascendente de notavel familia do Ceará.

A florescente villa se engalanou para receber-nos, tendo a população offerecido as demonstrações de grande estima e entusiasmo. E o mais grato, era percebermos sempre, por todos os lugares onde passavamos, que as escolas tomavam parte nas ma-

nifestações, tirando do exemplo da nossa coragem, uma lição de civismo e amor á Patria.

Foi-nos offerecido um baile, e recebemos tambem eloquente saudação do Dr. Augusto Dias Martins, digno Juiz de Direito.

Assim animados, partimos para Iguatú.

Ahi nos esperavam, na estrada da cidade, cerca de duas mil pessoas, que nos acclamaram vivendo o Ceará, o Brasil e S. Paulo.

Grandes festas nos fizeram, nesse dia e no dia seguinte, sem desmentir a hospitalidade cearense.

Fomos obrigados a uma demora maior, por molestia de um dos nossos companheiros, e então pudemos observar bem a cidade.

Em visita a innumeradas construcções que se vi-nham ali realisando no perimetro urbano, destacá-mos o bello palacete, já construido, de propriedade do Snr. Gustavo Leal, e em construcção, os luxuosos palacetes para residencia do Snr. Octaviano Benevides, e o vasto quão confortavel predio da firma Theophilo Hamded, para funcionamento do cinema local.

Estes predios muito contribuíram para a belleza das ruas da cidade justamente considerada a «Prin-ceza Sertaneja».

Vimos tambem a aperfeiçoada Machina de algodão e Fabrica de oleos da firma Trajano Machado, que faz grande movimento.

Recomeçando a caminhada, depois de um des-canço maior, fomos assaltados por grande fadiga, sentindo mais duramente a nossa responsabilidade.

O desanimo quasi nos invadiu, quando vimos um dos nossos queridos companheiros fraquejar e ter de retirar-se do raid a conselho medico!

O momento foi decisivo então para a grande prova. A idéa de um abandono colectivo da empresa chegou a ser lançada por um amigo, mas felizmente combatida incontinenti. Vimos escripto diante dos olhos este lema:

«O escoteiro só tem uma palavra.»

Empenhamol-a e deviamos vencer!

As difficuldades que surgiam eram necessarias para demonstração da energia da raça. Aceitámos o desafio da sorte. E continuámos, embora deixando o querido irmão de jornada convalescente em Var-zea da Conceição.

A entrada em Cedro, poucas leguas adiante, consolou-nos um pouco, pelas mesmas manifestações de carinho que recebemos.

Mas o aborrecimento e o cansaço iam patentes em nós.

O clima impiedoso, a agua e a comida, nem sempre de boa qualidade, o peso que carregavamos tudo eram embaraços...

Estavamos varando sertões quasi desertos! A propria monotonia da paisagem acabrunhava-nos. O consolo eram as noites, appetecidas com ancia. Começámos a caminhar por ellas, descansando á sombra das raras arvores copadas á margem dos riachos seccos, ou nos alpendres rusticos das casas dos va-queiros. E sonhávamos, muitas vezes, com um leito macio, com opulentos jantares e com agua gelada.

CAPITULO V

Lavras. Uma educadora notavel.
Rumo da Parahyba. Cajazeiras.
O cantador Café

Lavras, á margem do rio Salgado, tem um aspecto encantador vista das immediações. As casas sobem uma collina, em torno de uma linda igreja e de outras boas casas.

Contrastando com esse bello aspecto, ha uma má fama de cangaceirismo antigo... Mas isso foi do passado. A cidade, principalmente depois das obras do açude de Cajazeiras, que obrigou um grande movimento por aqui, renovou-se no corpo e na alma. Algumas instituições são ahi quasi perfeitas. O Grupo Escolar, por exemplo, é um dos melhores do interior do Ceará; tem como directora uma professora que é um digno typo de mulher cearense, energica, decidida, intelligente. Muito se deve realmente, quanto ao progresso moral de Lavras, á acção dessa senhora — D. Amelia Braga.

Foi, pois, com a maior satisfação que encontramos ainda fóra da cidade, com um grupo luzido de escoteiros, chefiados pela distincta educadora. — Todos fardados, com o pavilhão nacional, entoavam um alegre hymno de boas-vindas.

Cercados depois por outras numerosas pessoas, fomos levados ao Hotel Almeida, onde recebemos uma saudação do Dr. Correia Lima, o conhecido tribuno de Fortaleza, que ali se achava a serviços profissionais.

Usou da palavra, em seguida, o nosso prezado amigo Cel. Boaventura Cavalcante, que terminou convidando-nos a chegar até a usina de electricidade para illuminação publica, para inaugural-a.

Coube-nos a elevada honra de partir a fita da entrada da usina, e alguns momentos depois, já ao entardecer, ligar a chave da illuminação da cidade. O acto revestiu-se da maior solemnidade.

No dia immediato em automoveis postos á nossa disposição, pelo Snr. Octaviano Benevides, e acompanhados por muitos amigos visitámos alguns pontos importantes da cidade, e bem assim o boqueirão na Serra Grande, por onde passa o rio Salgado.

As 18 horas do mesmo dia fomos attentiosamente convidados para um jantar na residencia do Snr. José Augusto Feijó Benevides, ao qual compareceu grande numero de pessoas gradas do lugar.

Na madrugada seguinte partimos de Lavras para a ultima povoação do Ceará, rumando para o Estado da Parahyba.

Era o arraial de Alagoinhas onde tivemos tambem optimo acolhimento. Ahi effectuámos a somma dos passos dados no Ceará e verificámos que foram dados, do ponto inicial do raid, áquelle arraial, 792.493 passos, em vinte e um dias de marcha, ou cerca de 40 mil por dia.

Algumas horas depois, estávamos em Aroeiras, pequeno arraial, que fica na divisa do Ceará e Parahyba.

Não foi sem justa emoção que alongámos os olhos pelo caminho! Até então caminhávamos em «nossa casa», cercados de carinho por todos... Iamos enfrentar agora sertões desconhecidos, outras caras, outra gente.

Mas a terra dos «verdes mares» ia ficar; os carnhubaes ficavam longe; Iracema não mais nos acompanhava com sua imagem.

Adeus, Terra da Luz, adeus, Ceará!

* * *

Não ha differenciação apreciavel na natureza do vizinho Estado, naquella região. As mesmas caatingas, as mesmas arvores, o mesmo ar secco e o mesmo sol abrasador. Felizmente tambem a mesma gente acolhedora e boa!

Já era tarde, quando galgavamos o monte de S. Salvador, donde descortinámos a encantadora cidade de Cajazeiras do Rio do Peixe.

Notámos desusado movimento. E' que nos preparavam uma linda festa de recepção, de accordo com o seguinte programma impresso, e que foi cumprido á risca:

«*Programma da recepção dos Escoteiros — hoje.* Uma salva de tiros anunciará a chegada, para que a população possa aguardar a passagem dos intrepidos escoteiros na praça do Coração de Jesus.

Cumprimentos. — Na praça dos Vicentinos uma commissão composta do Snr. Cel. Prefeito Sabino Rolim, dos Snrs. José Galdino e Alvaro Soares recepcionará os illustres viajantes, de onde partirão com destino á cidade.

Na praça do Coração de Jesus, onde deve encontrar-se o povo, e as senhoritas formando alas, subirá á tribuna o orador Dr. José Guimarães Braga, que saudará os escoteiros em nome da população de Cajazeiras.

Em seguida seguirá o prestito acompanhado da

musica local até o paço Municipal, onde discursará o illustre poeta Dr. Christiano Cartoxo.

No paço aguardará o prestito a seguinte commissão: Coronel Juvencio Carneiro, Lucas Moreira, Dr. Genesio Cabral, Dr. Aprigio Sá e Alvaro Marques.

Na frente do conselho será plantada a arvore dos escoteiros, como lembrança eterna da passagem por esta cidade dos bravos moços dos «verdes mares».

A noite haverá um baile promovido pela mocidade em honra dos destemidos cearenses.

— Amanhã. — Sessão Civica a qual constará de uma conferencia do Dr. Sampaio e de outros numeros que tornaremos do conhecimento publico.»

Durante nossa estadia n'aquella cidade, visitámos todas as autoridades, inclusive S. Excia. Revma. D. Moysés Coelho, zeloso e modelar pastor d'aquella Diocese, de quem levámos, conservamos as mais gratas recordações.

De Cajazeiras, rumámos á não menos hospitaleira Villa de S. José de Piranhas, passando antes no lugar denominado Boqueirão de Piranhas, aonde tivemos a infelicidade de admirar 32.000.000\$000 de material exposto ao relento, entregue ao abandono, como um simples mostruario de propaganda das fundições Norte Americanas, ou como uma saudosa memoria de campanha ingloria...

Sentimos lagrimas aos olhos! Sentimo-nos enfraquecidos, em vermos o suor brasileiro explorado de uma maneira absoluta, e fundido em peças desnecessarias áquellas construcções simples e rudimentares.

Mas, talvez assim possamos mais tarde, mediante esta boa lição, contemplar os horisontes ma-

gestosos de um futuro diverso, e então, analysar as extravagancias de um passado que deixou comtudo a má semente de gastos superfluos...

De «Boqueirão de Piranhas» ás 14 horas mais ou menos, depois de um ligeiro almoço, partimos para S. José de Piranhas, onde chegámos ás 7 horas, sendo em frente ao Paço Municipal, acolhidos por grande multidão, tendo á frente as autoridades e pessoas de destaque social.

No dia posterior, sahimos para a fazenda «Pineiro», onde fomos hospedes do Snr. Thomé da Silva.

Ahi, em sua casa, recebemos a curiosa visita de um cantador.

Começou elle por nos perguntar:

«*Mais moço, me perdoe pelo nosso divino pai. Me arresponda uma coisa: — Está viage de Vomiceis é promessa ou é castigo?*»

— Não senhor. É uma viagem de estudos.

— *Ah! sim. Já sei. Vomiceis anda espulorando este mundão pra mode contá, de certo, num é? A pois moço, cada home tem uma sina. Já a minha é outra coisa munto aderversa. Eu, por hora, sou o unico poeta desta zona... Vomiceis vê, é um bandaião de povo, por ahi, como vomiceis está vendo mais porem nenhum destes é capaz de fazer o que este véio ainda faz.*

— Então, cante-nos alguma coisa, seu Café.

E sem esperar novo pedido, o bom do velho desfechou, repenicando na viola:

Eu quero partir, mais num parto,
Quero ficar mais num fico,
Agora me assartifico: nem parto,
Nem parto, nem vou, nem fico

Palmas coroaram a estrophe. Elle continuou:

« Eu sigo pelo matto a dentro,
Embora as onças me coma,
Nunca vi rasto de alma,
Nem couro de labishoma!

« Quem ama a muié bonita,
Não sente sêde nem foma,
Por isso sigo p'lo matto,
Embora as onças me coma!

« Adeus cabresto, adeus peia.
Adeus corda de laçá,
Adeus boi adeus, bezerro,
As vacas mansa do currá!

Adeus muié e meninas,
E gente desse lugá,
Adeus inté não sei quando,
Até eu vortá pru cá!»

Os circumstantes riam-se e applaudiam: o velho animou-se, e cantou em seguida esta nostalgica canção do «Home na terra alêia», a nós dedicada:

« O home, na terra alêia.
É cuma o carro sem cocae;
É cuma o cambão sem chaveia;
Cuma o brinco sem urêia;
Cuma o vaqueiro sem gado;

Cuma um chiqueiro sem uveia
Cuma a porta sem chave;
É cuma uma casa sem teia;
Cuma um osso sem carne;
Cuma um sangue sem veia;

É cuma facão sem ponta;
 É cuma escuro sem candeia;
 No mundo desapregado,
 Morador na terra alleia....»

A ingenua versalhada, ponteada a viola, por uma voz cançada, mas ainda forte, como a do velho cantador, impressionava.

— Cante mais, cante mais! pedimos.

Ahi elle mudou de tom, e entre outras facecias, declamou as seguintes:

« No logar onde eu abito
 Bocca torta não faz mé,
 Touro não dá in vacca,
 Homi não dá in-muié.

« No poçó qui eu me lavo,
 Cabra num dá cangapé,
 Por isso eu já me assigno
 Francisco José Café.»

Era um legitimo cantador do sertão, ingenuo e pittoresco, mas sem malicia.

CAPITULO VI

Nos sertões do Parahyba. «O homem na terra alêia...» Primeiros dias de fome

Da fazenda «Pinheiro» partimos para a cidade de Misericordia, por estradas intransitaveis e alagadas, por fortes aguaceiros cahidos durante a noite e acompanhados de violenta tempestade.

Marchavamos já desalentados pela fome desesperadora e já impacientes com tantos sofrimentos. Estavamos de faces encovadas e pallidos como a morte! Às vezes galgavamos os altos penhascos procurando descobrir na immensidão dos campos um pequeno rancho onde pudessemos repousar um pouco; mas, nada viamos! Era o deserto! Muito ao longe descobriamos apenas os grandes rios serpenteando pela baixada e sempre crescentes com as chuvas.

Apparentemente nos mostravamos calmos e resignados. Fortes tempestades se desenrolavam, porém, em nossas almas, auxiliadas pelas angustias que nos sufocavam e pelas saudades da tranquillidade dos nossos lares, que doiam como feridas sem cura. As inquietações e sustos povoaram de sobresaltos o nosso intimo; mas, como a paciencia de nortista e resignação de cearense, soubemos mandar para longe estes temores só aninhando no coração á esperanza de vencer!...

* * *

Na cidade de Misericordia, fomos hospedes do Dr. Pereira Lima, que muito nos animou, fazendo sentir á multidão de curiosos, que immediatamente invadiu a casa, que eramos heróes verdadeiros... Alguns nos tomavam, porém, como Engenheiros recém-chegados, e nós olhavam com desconfiança.

A' noite do mesmo dia, um membro da familia vizinha ao nosso quarto de hospedagem, foi acometido de violentas colicas, pelo que solicitou dos «Drs. Engenheiros» uma visita medica. Para o caboclo, sendo «doutor» — é curador. Não valia a pena desilludil-os. Assim, o pedido foi promptamente satisfeito pelo nosso collega Manoel Bastos de Oli-

veira, não obstante haver este declarado que nada entendia sobre casos d'aquella natureza... E como levavamos elixir paregorico, curamos o homem!

Nenhuma pessoa foi capaz de convencer ao povo de que aquelles Engenheiros não curavam todas as molestias.

Para fugir aos clientes, ainda por caminhos intransitaveis, partimos de Misericordia para a cidade de Princeza. Demorámos nesse trajecto tres interminaveis dias!...

Tinhamos como refeição magros pedacinhos de rapadura e chicaras de farinha, comprados em Misericordia, nada mais...

As 14 horas do terceiro dia avistámos, porém, muito ao longe a alva torrinha da Matriz de Princeza, que se erguia como um pharol em nossa rota. E começámos a caminhar então sob gigantescas arvores, á beira das purissimas aguas da corrente denominada «Volta da Cruz».

Nós nos sentimos felizes, então, encontrando uma população ainda quasi inculta, porém, de trato sympathico e meigo.

As 16 horas demos entrada no centro da cidade de Princeza, procurando a residencia do Dr. José Pereira Lima, deputado estadual, que já havia providenciado optimas commodidades para nossa hospedagem.

Depois de 46 horas de reconfortante estadia em Princeza, restabelecidos de todos os males passados, sem nos lembrarmos mais das terriveis refeições de umbús, umburanas, corôa de frades e farinha *com rapadura*, resolvemos nos adiantar mais um pouco para os lados da fazenda «Patos de Princeza» de propriedade do Cel. Clementino Pereira Diniz.

A esta fazenda chegámos ás primeiras horas do dia 27 de Janeiro.

Ali encontrámos a pessoa altamente sympathica do nosso estremecido amigo Cel. Marcolino Pereira Diniz, chefe politico muito estimado em Cajazeiras do Rio do Peixe e vulto de maior prestigio no Norte da Parahyba.

Com elle tivemos succulento jantar e animadissima palestra, sobre alguns pontos importantes, das ultimas novidades occorridas n'aquella zona.

Mais tarde, cerca de 2 horas, fizemos viagem para o alto da serra do Triumpho, divisa do Estado da Parahyba e Pernambuco.

Effectuada a somma de passos executados na travessia do Estado da Parahyba verificamos o total de 316.465 passos, em 9 dias em marcha, ou sejam cerca de 35.000 por dia.

Deviamos agora, rumar para Pernambuco.

CAPITULO VII

A travessia de Pernambuco. Em plena região do «Cangaço» — «Lampeão» e seus perseguidores. Horas de angustia. Um quadro de fanatismo.

Estavamos então, no alto da serra do Triumpho, a uma legua ainda da cidade do mesmo nome, aonde queriamos chegar no mesmo dia.

Fizemos alto e contemplámos a vastidão dos sertões que se desenrolavam a nossos pés.

As ultimas chuvas já começavam a operar o effeito magico que cada anno, produzem naquella

região do paiz. Tufos de verdura já semeavam a caatinga, como canteiros tratados em fantastico jardim... Torrentes e riachos listravam a paisagem.

Ao pé, nas fraldas do morro, a vegetação era possante.

Reanimados por aquella vista reconfortante, procurámos descer rapidos, para Triumpho.

Mais proximos, pudemos apreciar o lindo quadro que ella offerece, com o seu poetico açude ao lado, o pittoresco jardim e a arborisação verde escura das ruas.

Pela sua topographia accidentada, e clima optimo, bem merece o suggestivo nome de « Suissa do Norte ».

Infelizmente, a encantadora impressão se devia mudar em breve.

Ao penetrar na cidade, fomos recebidos por grupos de homens armados de rifle em punho, que nos aguardavam como terriveis inimigos...

Ainda mal refeitos da surpresa, pois quasi fomos victimados por essa extranha guarda, soubemos então que não fomos recebidos a tiro só porque traziamos desfraldado ao vento o « Pavilhão Nacional ». Si não fora isso, teriamos sido trucidados, sem remedio!

A razão é que Triumpho estava á espera da visita do temeroso bandido « Lampeão » e de seus temiveis companheiros...

*
* *

Somente no dia immediato, foi que pudemos admirar o perigo extraordinario, a situação incrível, que innocentemente enfrentámos. Só o milagre da Bandeira Nacional, que então beijámos reverentes, nos pudera salvar.

As autoridades municipaes procuraram minorar nossa impressão, dando-nos boa hospedagem. Mas esse dia, 18 de Janeiro, ficou bem gravado na nossa mente!

Percorridas todas as ruas da cidade, notámos a sua illuminação electrica, bons calçamentos, solidas construcções, amplos e luxuosos salões onde funcio-navam clubs dansantes e cinema.

Tudo isto, nos deu optima impressão. O desenvolvimento commercial, que ali se admira, rivalisa com os de outras praças de acesso mais facil ou servidas por Estradas de Ferro.

As primeiras horas do dia seguinte, nos dirigimos á Villa de Jatobá de Tacaratú.

Antes, porém, de partirmos, para aquella villa, fomos avisados por uma gentil senhora, que nessa travessia, indubitavelmente, seriamos victimas do desalmado bandoleiro « Lampeão », que havendo recentemente assumido a chefia de um grupo de « cabras » vinha commettendo as maiores barbaridades que se podiam imaginar.

E a bondosa senhora rogou que não partissemos, sob pena de perdermos a vida, especialmente pelo nosso vestuario que podia ser confundido com o da policia.

Aquella supplica calou especialmente no animo do nosso mais jovem companheiro...

— Que é isso homem, é medo?

— Medo, não! É receio, só receio de ter que enfrentar a « cabroada » para... salvar vocês...

Rimos, disfarçando a natural emoção.

No entanto, tratamos de ver como deveriamos fazer si topassemos por acaso taes bandidos.

Aconselharam que levassemos um homem de conhecimento delles, que conhecesse as suas senhas;

que usassemos de toda prudencia e, mais ainda, que tirassemos do pescoço os lenços de escoteiro e as polainas...

E explicaram: «O lenço vermelho é de alta significação para o bando do «Lampeão»; as polainas só são usadas, por aqui, pelos officiaes de policia, a que os bandidos votam extraordinaria aversão».

Não tiramos o lenço, nem as polainas. Seguimos, porém, com um homem que se dizia conhecedor de «Lampeão», e o era de facto, pois verificámos mais tarde que pertencia ao seu terrivel bando!

O tal «cabra» não mentiu a sua palavra e só nos deu bôa orientação do caminho.

As 12 horas, mais ou menos, chegámos á povoação de S. Seraphim, onde tivemos ligeira refeição de carne assada e goiabada de Pesqueira, sem farinha, nem pão, pois não havia ali á venda.

Ahi fomos informados do roteiro do «Lampeão», que se havia transportado para os arredores da cidade de Nazareth, onde tencionava saquear a uns, assassinar a outros, e sobresaltar a todos.

Percebemos que estavamos em pleno dominio do «Cangaço», pois que os proprios moradores falavam de «Lampeão» com confiança e sympathia...

— Seja tudo pelo amor de Deus!

«Na terra de sapos, de cocora com elles!» diz um proverbio cearense. Falemos bem de S. M. El-rei Lampeão, meninõs!

E assim partimos para a fazenda «Sacco da Roça».

* * *

Mas ahi, nova surpresa.

Um bando armado até os dentes, legitimos cangaceiros tambem, sob a chefia de Clementino José

Feitosa, lá estava aquartelado para combater o «Lampeão».

E agora? Presos por ter cão e presos por não tel-o!

Um bom homem, Zé Coqueiro, serviu de parlamentar.

Mas não houve meio de fazer entender aos taes «cabras» o que era escoteiro e o que faziamos.

Lembramo-nos, como já de outra vez, de passar por Engenheiros que andavam medindo terras...

Fomos submettidos, entretanto, á rigoroso interrogatorio:

— «*Vomiceis donde é?*»

— Do Ceará, sim senhor.

— *Abão! abão!*

E depois de nos medir de alto a baixo:

— *Pronde si bota?*

— Prá São Paulo, sim senhor.

— *A bão! a bão! Vomiceis é sórdado ou não é, ou cuma qui é?*

— Não senhor. Nós somos «escoteiros».

— *Deixe de lambanças, moços.*

Commigo ninguem faiz mangação... Si vomiceis são engenheiro fica aqui com nois...

— Pois escoteiro, seu Clementino, é aprendiz de engenheiro!

— *Abão! abão!... Já ouvi falá!*

E mudando de tom:

— *Antonce entra pra cá!*

E ordenou aos 20 cabras que commandava, que fizessem uma limpeza em um pequeno quarto contiguo á sala, onde deviamos nos abrigar.

— *Vomiceis*, exclamou Clementino, levantando a frente do seu grande chapéu de couro com a mão esquerda, emquanto com a direita melhorava a po-

sição da pesada cartucheira presa á cintura. *Vomiceis aqui tá guardado cus poder de Deus. Aqui ninguém meche co meceis. Pruque quem mechê cum vomiceis meche cá ponta de meu punhá.*

Respiramos...

— *Moço* — continuou o chefe Clementino — *eu e meus cabras, nois num bole cum ninguém... pulo contrario; nois assegura a orde e mantem as leis.*

... *Agora tem uma cousa: quem mechê cum nois, veja cum meche, pruque é mesmo que mechê cu diabo. Mando metter a bala pra riba qui inté o diabo tem pena dessa canaia...*»

Mais tarde, já fartos de ouvir narrativas assombrosas de mortes, fomos convidados ao jantar, havendo nesta ocasião, serias exigencias, afim de tomarmos assento nos lugares de distincção.

Comemos excellente carne assada com farofa d'agua. Quando nos levantavamos da mesa, os cangaceiros que já nos consideravam seus legitimos amigos, offereceram-nos alguns pares de luvas de couro, enfeitadas com galões bicolores, que representam as côres de seu partido. Essas luvas servem para resguardar as mãos do calor do rifle, por occasião de tiroteio descontinuado.

As cinco horas da manhã seguinte, houve um grande almoço constante de comidas solidas, para resistirmos á grande travessia que nos aguardava para os lados de S. João do Barro Vermelho. Às 6 e meia do mesmo dia, confiantes na grande amizade que nos unia, convidámos o Snr. Clementino e seus rapazes a tirar uma photographia, para levarmos como uma grata memoria d'aquelle encontro feliz, e daquellas poucas horas de convivencia pura e sã. Attendidos que fomos, organisámos o pessoal em certa disposição, notando grande calma e con-

fiança por parte do Chefe e cabras, com excepção de um rapazola, já auctor de algumas mortes, que se furtava a todos os convites que se lhe faziam para o retrato.

Esse rapazola, morador na fazenda «Rio Torto», era filho do abastado fazendeiro José Alves Medeiros, e contava 14 annos incompletos! Que triste exemplo da falta de instrucção naquellas paragens!

Não foi sem tristeza que soubemos que elle já havia tomado parte em tres refregas, manifestando grande crueldade.

Antes de partirmos, conseguimos a relação nominal da «cabroeira» e respectivos nomes de guerra. É a seguinte:

CHEFES:

Clementino José Feitosa e João Alves Feitosa — «Soberano» e «Gentil» respectivamente

Napoleão Alves	<i>Estrella D'Alva</i>
Miguel Feitosa Lima	<i>Vigia</i>
Manoel Barboza	<i>Mangueira</i>
José Barboza	<i>Patativa</i>
Francisco Barboza	<i>Pinta-Manta</i>
Tertuliano Barboza	<i>Nevocira</i>
Antonio Alves Medeiros	<i>Oriança</i>
Manoel Paulino do Nascimento	<i>Favelleira</i>
Sebastião José Furtado	<i>Lavareda</i>
José Nunes Furtado	<i>Caixa de Phosphoro</i>
Cicero Gonçalves	<i>Fornigão</i>
Quintino José Furtado	<i>Pintinho</i>
Jordão Silva	<i>Pensamento</i>
Antonio Marciano	<i>Paciencia</i>
Alexandrino Vicente Pereira	<i>Sereno</i>
José Marcelino	<i>Xexéo</i>
Enéas Fonseca	<i>Penoso</i>
Vasco de Oliveira	<i>Barra de Aço</i>

As 8 horas, partimos, enfim, agradecidos ás gentilezas, mas profundamente contristados deante daquellas scenas de nosso amado sertão!...

* * *

Depois de pequena estada em Barro Vermelho, partimos para Mandacarú, onde chegamos ás 21 horas.

Na manhã seguinte, rumamos para a fazenda Cipó, onde chegamos ás 9^{1/2} horas.

Ali tivemos optima refeição de farinha com rapadura, e partimos para a Fazenda Soares, que dista da de Cipó, 4 leguas e meia sendo todo este percurso subindo uma serra de areia frouxa, sem agua nem habitações.

De Cipó, partimos conduzindo agua em bogós de pequena capacidade. Deram-nos informações seguras sobre innumeradas erradas possiveis.

Nessa occasião o sol se mostrava favoravel. Mas momentos depois, assaltou-nos sede insaciavel, obrigando-nos consumir toda agua que conduziamos nos pequeninos depositos. As nuvens que nos abrigavam fugiram apressadas, vedaram-se todos os ventos, e o sol em pleno céu aberto queimava-nos impiedosamente.

Já exhaustos, sem nenhum abrigo que mitigasse tamanho tormento, avançamos vagarosamente, respirando um ar que nos parecia vir directamente de um grande incendio. A bocca pastosa, a respiração difficil, os pés queimados pela queentura abrasadora da areia... Nem uma sombra, nem um resquicio de agua. Era horrivel!

As 15 horas, mais ou menos, distinguimos deante de nós uma visão, parecendo-nos pequena casa sobre outra elevação de areia. Seria uma miragem, como outras que tivemos? Mas a ancia de encontrar um

pequeno pouso já era tanta que não podiamos perder tempo.

Felizmente, logo depois, tivemos a feliz convicção de que aquella supposta visão era de facto uma casa, de uma velha de nome Maria Villela.

Trocados ligeiros cumprimentos, solicitámos com urgencia umas cuias com agua. Mas a mulherzinha desconfiada de nós, só a custo, nos trouxe uma agua immunda, de pessima qualidade.

Nada sentimos, sequiosos como estavamos; applicada, porém, a sede, começámos a experimentar um desagradavel paladar que nos restava do liquido agora repugnante...

Proximos a essa casa, encontrámos algumas familias do sul de Alagôas, abrigadas á sombra.

A pobreza, a immundicie e o desconforto daquelle bando miseravel, chamavam a nossa attenção e despertavam a nossa piedade. Numa rede immunda, duas crianças doentes, punham a mão em pala, sobre os olhos para poderem nos fitar. Um velho, uma pobre mulher esqualida, varias outras crianças e uma rapariga de cocóras e assentados ao chão quentissimo, completavam o quadro.

Perguntamos para onde iam, respondendo o velho:

— «*Nois vêm do sul das Alagôas, moço e bamo in'ô rumo do Juaseiro do meu Padim Ciço. Nois vae pedi a abenção delle e pagá promessa...*»

Não pudemos deixar de sentir como cearenses, um como espinho no coração. No Joaseiro do Cariry, em pleno coração do Ceará, alimenta-se de facto, o mais vergonhoso fanatismo, alastrado por todos sertões vizinhos.

Varias vezes encontrámos individuos assim miseraveis, doentes, ás vezes, outras vezes criminosos fugidos em demanda daquella Jerusalem dos sertões.

E pensavamos: « Quando será meu Deus, que os nossos políticos não de distribuir justiça e instrução, para acabar com o « cangaço » e o fanatismo que corrompem as populações do interior?!... »

*
*
*

Procuramos fugir aquella região inhospita e áquelle quadro desagradavel.

Caminhámos, apesar de toda a fadiga, aquella tarde e parte da noite. E nos achámos numa villa aprazivel, que verificámos ser a de Jatobá de Tacarátuba, á margem do rio São Francisco.

De Jatobá, pelo leito da pequena estrada de ferro de Paulo Affonso, demandámos o rio Moxotó que separa Pernambuco de Alagoas.

Verificámos o pedometro: havíamos dado em Pernambuco 328.111 passos, em 9 dias de penosa marcha.

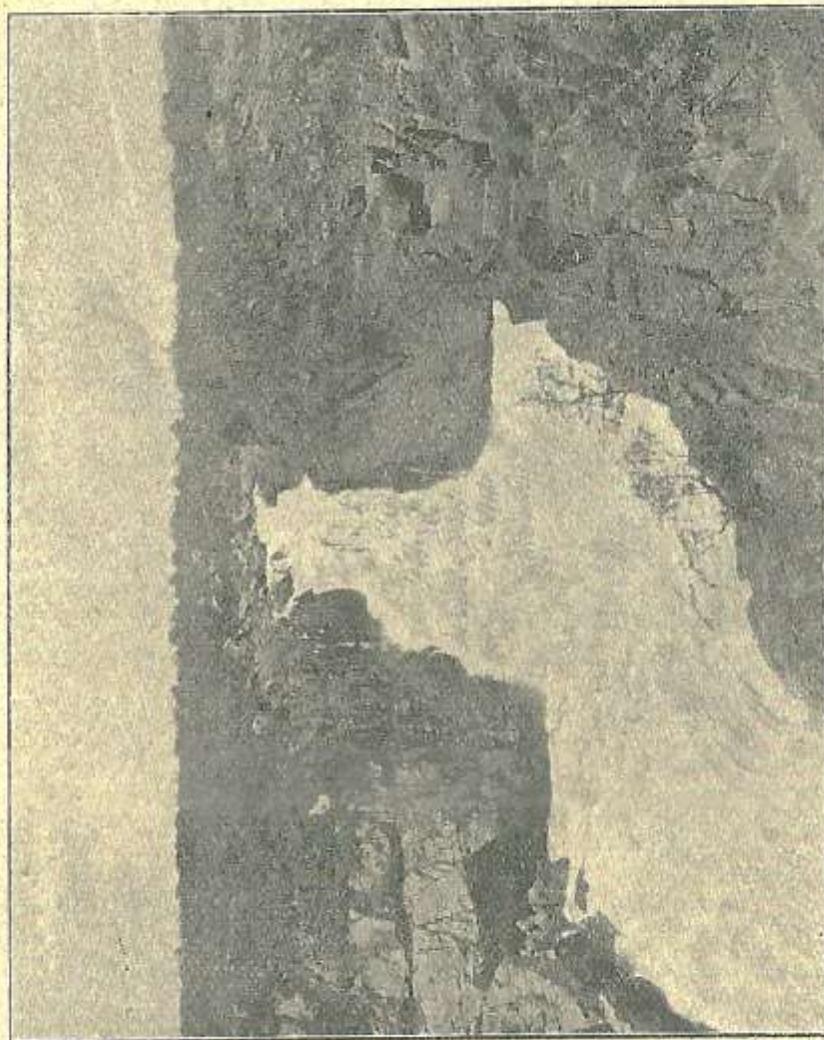
CAPITULO VIII

Alagoas. Uma estrada de ferro... de crianças.

A memoria viva do grande cearense Delmiro de Gouveia. Piranhas. Horas de fome e de desespero... Bello Monte e Traipú.

Penetramos ao Estado de Alagoas, ás 8 horas do dia, transpondo uma ponte sobre o rio Moxotó, que mede 385 metros de extensão.

Sobre esta ponte passam os trens da Estrada de Ferro Paulo Affonso, entre as estações de Jatobá, em Pernambuco, e Piranhas, em Alagoas.



Cachoeira Paulo Affonso

Senhores, o grande cearense Delmiro Gouveia, não foi somente um cearense amoroso à sua terra, um grande coração para o estado de Alagoas, foi um formidável brasileiro propulsor do progresso e da civilização! Amou o Ceará com bravura, porém, amou Alagoas com intelligencia que é o amor mais fino, que é o amor mais perfeito. Delmiro era um homem superior que adorara extremamente o Brasil, com verdadeiro desprendimento para a vida e para o tumulto. Depois de haver colhido para si e para o Brasil uma farta messe de triumphos no campo da peleja, com a espada aurea e fulgente do labor insano e intelligente, depois de ter dado ao Brasil um exemplo de trabalho e de honra; depois de provocar a amizade e respeito dos maiores vultos nacionaes, teve de ser aniquilado pela inconsciencia de um politicoide qualquer que o mandou assassinar, friamente.

Nenhum dos seus operarios evoca o seu augusto nome, sem que não sinta deslizar pelas faces algumas lagrimas, testemunhas do seu affecto, mensagens de suas maguas e saudades.

Naquelles corações, rudes embora, a ingratição não conseguiu arrefecer o seu amor, nem a crueldade pode extinguir a sua immortal memoria.

*
*
*

De Pedras, seguimos em demanda de Piranhas, que é o ponto de transbordo natural de quem sobe por via — terrestre, do littoral para o centro, e inversamente dos que descem pelo São Francisco, do sertão para a costa.

Está situada á margem esquerda do caudaloso rio, entre montanhas pedregosas e ingremes, que da margem começam a se erguer, restando-lhe simples-

mente uma estreita e arenosa praia com uma area de poucos metros quadrados. Durante as grandes inundações o leito do rio toma todos os cantos e recantos da cidade, até as apertadas gargantas formadas pelas encostas escarpadas das grandes serras.

Um solo ingrato, improductivo, formado de aridos rochedos de granitos e penhascos inacessiveis, orlados de braços de agua barrentas, por entre os penhascos meio submersos... tal é o aspecto physico de Piranhas.

Apesar de todos esses inconvenientes, não deixa de ser uma cidade bem povoada, por uma população activa no commercio e muito hospitaleira.

Com o repouso de um dia, partimos em busca da cidade de Pão de Assucar. É digno de observação esse trajecto que fizemos orientados pela linha do telegrapho nacional, experimentando os mais atrozes soffrimentos, quer pela absoluta falta de caminhos com que luctavamos, quer pela falta total de habitações e de alimento, pois ahi só se viaja por via fluvial e nós para não faltar ao nosso compromisso, não quizemos andar embarcados. Depois de vencido o percurso, que nos custou quatro dias, já ás 17 horas avistámos o morro que deu nome áquella cidade de Pão de Assucar, o qual de longe se destaca sobre um solo plano, muito arenoso.

Esquecendo os soffrimentos do percurso de Piranhas até ahi, divertimo-nos colhendo pedaços de ossos fosseis de pachydermes antidiluvianos... Ha uma enorme profusão delles, de formatos e tamanhos collossaes. Soubemos que em alguns lagos e varzeas proximos á cidade, existem tambem em grande quantidade.

Havendo recebido dos habitantes de Pão de Assucar generosa acolhida, não pudemos acceder, no

entanto, aos instantes convites que faziam, no sentido de não proseguir marcha por aquelles dias, devido as tremendas inundações do Rio São Francisco, que então se mostrava furioso e insensível, tomando-nos os caminhos que o acompanhavam pela margem esquerda e obrigando-nos a abrir com machadinhas e facões novas picadas, para contornarmos interminaveis lagôas criadas pelo excesso de suas aguas.

Grandes foram as luctas com que nos empenhamos, sentindo muitas vezes as ultimas forças nos fugirem, enquanto nos sobresaltavam mil desesperos de tomarmos pela fome desesperadora e percermos sem o abrigo de uma arvore amiga, sem uma palavra de consolo...

Já tres dias se haviam decorrido nessa lucta. E já quasi sem esperanças de novos horizontes, empregavamos os ultimos esforços, galgando o monte «Album», donde precisamente, embora muito alem, se nos deparavam novas paragens.

Mas, chegados á eminencia do monte e lançado um olhar devorador e faminto ás collinas e varzeas, mais desesperados ficamos: nem uma casa, nem um caminho, nem um terreno de cultura...

Chapadas enormes, de areia e pedra de caatinga rala — eis tudo o que vimos. Em baixo o rio ameaçador e terrivel! E por sobre tudo aquillo um sol de fogo que nos martyrisava!

Entretanto deviamos marchar. Ficar alli era agravar mais os nossos padecimentos. Mas o desanimo nos tocava profundamente.

Quem ainda não viu esse espectro, quem jamais não sentiu a sua pequenez ao tentar realizar uma grande empreza?...

Foi essa uma das peiores etapas de nossa viagem. Dura provação! a sede já haviamos sentido, cruelmente; era agora a fome, martyrisante...

Num momento, porem, um dos companheiros, como allucinado, começou a descer o morro, ao acaso, nada querendo mais ouvir ou pensar. Mais abaixo, desabalou numa corrida louca, quasi incrível para o estado em que se achava. Estropeados, famintos, sedentos, corremos tambem...

Foi a salvação!

Como um milagre, demos com uma pobre choupana até então invisivel para nós.

Pouco adiante morava o «illustre» Cel. José Maria, vulto sobejamente conhecido como professor de primeiras letras, politico de indiscutivel prestigio e medico esclarecido de toda a redondeza...

— Bom dia, meu caro senhor!

— *Muito bom dia moço. Parece que estou cumprimentando um lote de «sordados»?*

— Não, senhor. O senhor acabou de cumprimentar a tres Engenheiros, que a mandado da Nação vêm realisando uma viagem de estudos.

— *Ah! Sim... Já conheci vomiceis. Vomiceis derube as cargas e entre p'ra tomar assento... A casinha é pobre mas gosta de servir a gente boa.*

Nesse feliz rancho esburacado passámos uma noite esplendida! O nosso medico caipira nos offereceu logo algumas cuias com umbús, dizendo elle ser aquella a primeira refeição que costumava offerecer aos amigos velhos e que confiassemos em Deus que mais tarde nos serviria alguns pedacinhos de carne jabá, com farinha.

As 6 da manhã seguinte, já em ordem de marcha, interrogámos ao bom velho professor quanto custava nossa hospedagem, ao que nos respondeu:

CAPITULO IX

**Sergipe. Propriá. Necessidade de Roupas. Capella.
Perdidos... Um millionario. Aracajú.**

— «O espirito do escoteiro não se deve dobrar á difficuldade alguma. E elle deve procurar, nas menores mudanças da sorte, incentivo para enthusiasmo!...»

Com estas palavras saudámos o solo de Sergipe, depois, que atravessamos o S. Francisco, numa canoa desconjuntada.

E entrámos, estropeados embora, rôtos, sujos e cadavericos — mas com uma canção a alegrar a alma, na famosa cidade de Propriá.

Ahi fomos hospedes da Camara Municipal, no Hotel Avenida, onde tivemos de descançar quatro dias, esperando novas roupas que encommendámos a um alfaiate da industrial cidade.

Mas apenas conseguimos as nossas fardas, rumámos para a capella, em demanda do leito da estrada de ferro, por onde havíamos de encontrar menos deserto...

A cidade da Capella era a segunda cidade sergipana, comprehendida em nösso itinerario.

Chamou-nos especial attenção a planicie immensa em que se acha situada, contrastando com a paisagem accidentada de derredor.

Os rios que a cercam, correndo em sentido differente davam-lhe muito encanto. O Japarutuba corre de leste a este: o Taguará, de sul a norte, confluindo ao Japarutuba, que se une mais tarde, com a Marasco, Estivas e Favellas, despejando já fora do Municipio, no grande rio Siriry.

A cidade é de bom aspecto. Boas e espaçosas ruas, com mais de mil casas, bellas igrejas, edificios publicos razoavelmente elegantes.

Este Municipio é um dos mais ricos do Estado. Conta cerca de 100 propriedades assucareiras alem de outras lavouras desenvolvidas.

Notámos acima de tudo o cuidado e o amor com que se trata da instrucção, o que é extensivo a todo o Estado de Sergipe.

Muito bem impressionados, deixámos aquella cidade que nos proporcionou confortante estada, e nos dirigimos para a cidade de Maroim.

A jornada foi penosa daquella para esta cidade, por não podermos acompanhar o leito da estrada de ferro, para encurtar distancia.

Atravessámos tremedaes, e varias vezes nos perdemos em caminho. Afinal deparámos um pequeno portão, que dava idéa de casa proxima.

Triste engano!

Duas e meia da tarde nos annunciava o relógio que conduzíamos. O estomago já revoltado, nos fallava em manjares saborosos... A sede, por sua vez não nos permitia repousar um pouco por aquellas paragens onde tudo era silencio e aridez, onde tudo proclamava a absoluta falta de recursos.

E já desenganados de habitações por alli, venciámos afogados no capinzal alguns kilometros em qualquer direcção, confiantes no acaso que sempre nos favorecia.

— *Uá! que é isso moço!* exclamou de olhos arregalados um velho que se erguia ligeiramente, da sombra em que repousava um pouco. — *P'ra onde vão?*

— Para a cidade de Maroim, respondemos, com immensa satisfação.

— *Ora moço, nessa direção os senhores andavam a vida inteira e nunca chegavam á cidade de Maroim!*

— *Mas qual a direção dessa cidade? interrogamos.*

— A cidade de Maroim fica aqui: e apontou justamente em direção opposta á que iam.

— *Si os senhores demorarem um pouquinho eu irei levá-los até a fazenda Castanhal.*

— Oh! meu bom velho, a sede que nos acabrunha não nos permite um segundo de descanso.

— *Os senhores estão com sede? pois descancem as macas um pouquinho e me acompanhem.*

Executámos as suas ordens e seguimos, encontrando a uns duzentos metros, guardada por uma frondosa oiticica, uma pequena cacimba cuja agua nos parecia assucarada. Depois de saciada a sede, interrogamos ao bom velho pela distancia que nos separava da cidade de Maroim.

— Os senhores aonde dormiram essa noite?

— *Na fazenda Siriry.*

— *Pois bem, hoje pela manhã os senhores estavam distante de Maroim cinco leguas, e agora estão distante oito leguas.*

— *Mas, eu moro daqui duas leguas: podemos ir lá para a nossa casinha, na fazenda Castanhal, e amanhã cedo os senhores estarão na cidade.*

— Perfeitamente, meu velho, este seu offerecimento vale ouro.

E partimos. Durante todo o trajecto o nosso salvador e amigo não deixou escapular palavra alguma, que nos adiantasse ser elle um millionario ou um pobre. Limitava-se a responder as nossas constantes interrogações e a confirmar os tormentos a

que certamente nos exporíamos durante aquella noite dolorosa.

Os ultimos clarões estavam a se extinguir, e a noite já nos embargava os passos, quando surgiu á nossa frente uma bella fogueira, em torno da qual muitas crianças corriam de mãos dadas, cantando, não os versos sertanejos e populares, mas alguns hymnos escolares, pelo que logo, pudemos concluir existir ali alguma civilidade.

Com o magnifico esplendor da fogueira, fomos avistados pela garotada a uns duzentos metros que nos procurou gritando: — *Ahi vem o vovô!!!*»

Bello casarão se ostentava á margem da estrada, por onde devíamos ter passado ás dez horas daquelle dia.

Foi ali que soubemos ser o modesto velho um conhecido millionario, proprietario de uma das mais ricas fazendas do estado de Sergipe.

O bom velho, em trajés de roceiro, era o coronel Juvencio Almeida, que vinha se occupando com as ricas jazidas de kaolin, que ornavam suas fazendas, razão porque, o encontravamos em plena floresta. Deste senhor, partimos saudosos pelas suas maneiras captivantes e pela hospedagem fidalga que nos dispensou em sua sumptuosa residencia, que se pôde comparar com qualquer das melhores da capital — Aracajú.

De Maroim, tocámos immediatamente para Aracajú.

Penetrámos na bella capital, rasgados e sujos, attrahindo a curiosidade popular. Procurando o Dr. Prefeito Municipal, este nos hospedou immediatamente, com grande delicadeza.

A tarde desse mesmo dia fomos recebidos pelo Snr. Presidente do Estado, o Dr. Graccho Cardoso, que por muitos annos residiu no Ceará.

Muitos obsequios e atenções ficámos a dever-lhe; á sua instancia só dahi partimos no dia 17 de Março.

Retomando a marcha, em demanda da Bahia, atravessámos São Christovão, a antiga capital, e uma villa que era a de Itaporanga.

As 4 horas da tarde, do dia 19 de Março, pisavamos sólo bahiano, tendo transposto o Rio Real, pela ponte da Estrada de Ferro, proximo áquella villa.

CAPITULO X

Atravessando a Bahia. São Salvador. Uma Bandeira historica. Queimadas de centenas de kilometros. Tuassú e sua maravilhosa gruta natural. Bom Jesus dos Meiras. Riquezas adormecidas.

Estamos agora no Estado da Bahia. Enormes serras, cobertas pelas gigantescas arvores, que acompanham todo o leito da Estrada de Ferro.

Caminhavamos e sentiamos que iam subindo. A temperatura baixava rapidamente. Dentro de pouco, o sol, que já se havia occultado, tornava o frio insupportavel.

Começámos a sentir a mudança do nosso clima quente e sadio por um clima humido e doentio. O impaludismo ia ser um fantasma de todos os dias; mas diariamente, ao levantar, ingeriamos quinino como preventivo.

Alcançámos, já á noute, a villa de Barracão, pequenina e atrazada, pobre de casas e de civilisação,

modesta em seu viver, sem o rumor do progresso das grandes cidades.

Ainda de maca ás costas, gelados e famintos, percorriamos as pequenas ruas procurando as autoridades, que por cumulo do cajorismo haviam tomado passagem para São Salvador afim de assistir a posse do novo presidente, Goes Calmon, que se celebrava naquelle dia. Como nos arranjar ali si nenhum recurso possuíamos, se nenhuma autoridade nós garantia hospedagem?

Mas, em toda parte se encontram corações doces, que se enriquecem á sombra de uma caridade, que se adornam com as virtudes de christão.

O Sr. João Nunes, homem moralizado, estava na esquina da sua modesta casa, á praça da Estação, quando ouviu que decidíamos proseguir viagem naquella mesma noute, fria e tempestuosa.

Fomos surprehendidos com a seguinte interrogação:

— Os senhores para onde vão?

— Vamos para São Paulo.

— Pergunto onde vão repousar esta noute? continuou o nosso interlocutor.

— Não sabemos, meu amigo. Si não fosse essa chuva, e si a noute estivesse mais clara, iam para a Estação seguinte: mas, infelizmente, tudo corre mal para nós... Sempre somos hospedes das Camaras Municipaes, nas cidades comprehendidas em nosso itinerario, mas as autoridades daqui não estão presentes e não temos recurso para procurar hotéis, o que justamente nos impelle continuar a marcha.

— Não, meus senhores! Si querem hospedagem podem entrar. A casa é de todos!

Resolvemos, então, mediante essa magnifica offerta, ali nos demorando dous dias para o asseio e concerto das roupas.

A generosidade do bondoso hospedeiro ultrapassou a expectativa.

Quando nos preparavamos para partir, o bom homem ainda nos mandou sortir as marmitas com muita carne, pão e farinha.

Assim reconfortados, proseguimos pela madrugada. Apesar de seguir pelo leito de estrada de ferro, não encontramos, até São Salvador, sinão pequenos povoados como o de Entre-rios, Alagoinhas e Sto. Antonio de Catú, todos com a mesma physionomia de arraial levantado á margem das ferrovias, quasi que para necessidade do serviço.

Logo depois de Barracão, atravessámos o bello rio Itapicurú.

O terreno deixa depois de ser tão accidentado e apresenta taboleiros como os do Nordeste, grandes planos sem fim, revestidos de um mattagal monotonico. Nas quebradas e nas furnas, que avistámos, a vegetação é possante. Ao longe os morros são também de mattas consideraveis.

De Alagoinhas em diante, a estrada dobra-se para o lado do mar. Percebe-se que a vegetação vai mudando. Depois, morro de S. João, a paisagem é característica do littoral.

Passámos rapidamente por Abrantes, cuja vida animada já prenuncia a existencia de um grande centro proximo.

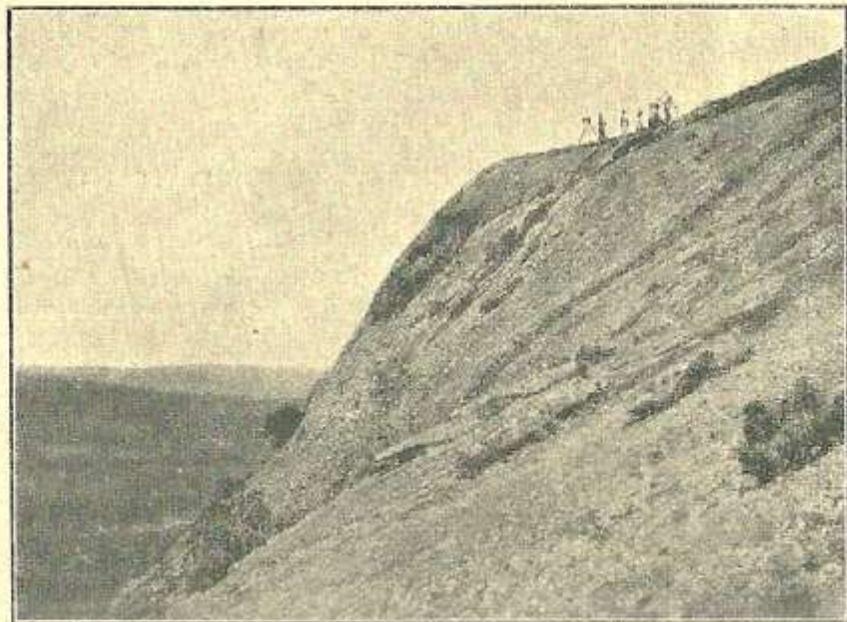
E emfim começámos a contornar a grande e admiravel bahia de São Salvador, em demanda da historica capital...

*
* *
*

Ainda estava a Bahia em festas pela posse de seu novo Presidente, o Dr. Góes Calmon. Hesitámos

assim, em nos dirigir a esta ou áquella autoridade estadual, pois que todas estavam occupadissimas...

Lembramo-nos depois, com felicidade, de procurar o Capitão-mór do Porto, que nos deu commodos na Guarda-moria e nos mandou tomar refeição na Escola de Aprendizes Marinheiros.



Morro da Chana-Brava, na Bahia

No dia immediato, porém, estavamos como em nossa casa, taes eram os offerecimentos de innumerous cearenses, estudantes, commerciantes e chefes de familias, que á viva força nos queriam abraçar e obsequiar.

É um dos traços do cearense, ou para melhor dizer, do nordestano, jamais desmentido — acolhedor sempre, sempre amigo, sempre hospitaleiro, na sua propria terra ou na terra que adoptou...

* * *

No dia seguinte, acompanhados por varios membros da Associação Commercial, que nos foi prodiga em gentilezas, visitámos o Dr. Presidente do Estado, Dr. Goés Calmon, que muito se interessou pela nossa viagem, e nos mandou dar cartas de recommendação para todas as autoridades para onde passassemos no territorio bahiano.

Depois de varios passeios, sem esquecer as velhas igrejas, os fortes historicos, as casas de ensino e a Faculdade de Medicina, retomámos o caminho do sertão.

Por volta das 8 horas da manhã, de um dia quente, claro e limpido, começámos a contornar a bellissima bahia, em demanda da estação de Agua Comprida, por onde já havíamos passado, para dahi seguirmos em rumo de Santo Amaro.

Santo Amaro é uma aprazivel cidadesinha, com encantos notaveis e instituições dignas de todo o apreço.

Uma dellas é um pobre collegio de Salesianas que presta a toda a região inestimaveis serviços.

Centenas de crianças ahi tem recebido o pão do espirito e a esmola do vestuario e do sustento de cada dia. As Irmãs, que piedosamente zelam por ellas, merecem a maior admiração e respeito.

Santas criaturas!

Na pobreza e singeleza da casa parecia haver uma alegria ambiente derramada por tudo. As crianças, risonhas e vivas; as mestras, de olhar meigo e sempre sollicitas... Em cada physionomia, como na simplicidade do util instituto, parecia estar escripto: «Aqui ha a paz do espirito! Deus é connosco!»

* * *

Em companhia de Soror Joanna tivemos o prazer de visitar uma exposição de trabalhos manuaes, muito valiosos e educativos.

A mesma piedosa religiosa quiz dar-nos uma prova de sua admiração pelo nosso raid, permittindo que tomássemos nas mãos uma reliquia de patriotismo: o sagrado Pavilhão, bordado a ouro e seda, que acompanhara aos campos do Paraguay, sob o commando do Barão de Sergipe, o batalhão de voluntarios de Santo Amaro.

Como beijassemos, reverentes, o historico symbolo, Soror Joanna, despregou de uma palma de flores artificiaes que o ornava, duas rosas descoradas e humildes. E nol-as entregou, dizendo:

— «Estas rosas são tão historicas, quanto o Pavilhão. Ellas servirão de estimulo e farão lembrar que nesta pobre casa se ama a Deus, aos pobres e á Patria.»

Muito agradecidos, deixamos aquelle convento, quando o campanario dava o signal para a Ave-Maria. Tornámos depois ao hotel, onde fizemos a ultima refeição, acompanhados pelas autoridades e grande numero de rapazes que nos vieram visitar. Lindo acompanhamento tivemos quando partiamos dessa Cidade procurando os altos sertões da Bahia!

Nos dias seguintes vimos que o céu se mostrava opaco, de cor parda e exquisita, e o sol quasi sem brilho. Nem eu, nem meus companheiros, nem pessoa alguma, podia explicar a razão de tal phenomeno.

Que seria?

Com algumas semanas de viagem, vencidas dezenas de leguas, viemos a saber de que se tratava.

Chegados á fazenda «Juá», de propriedade do Snr. Cel Amancio Americo, no Município de Taussú, que nos hospedou como engenheiros exploradores de minas, e consultores de açudagem, fizemo-lhes sciente da nossa curiosidade e pedimo-lhes explicações sobre o caso.

— Ora moço, isso não é nada. Essa cor do céu, e differença dos raios solares, são motivadas pela fumaça das queimadas... Nada mais!

Não se pense, porém, que essas queimadas sejam iguaes ás que se fazem em toda a parte, como trabalho de lavoura.

Queimam-se aqui areas de cincoenta, oitenta, cem leguas quadradas... São pastagens magnificas que desaparecem, campos e cerrados, caatingas e mattas que se desfazem em cinza. Assim se fazem os desertos.

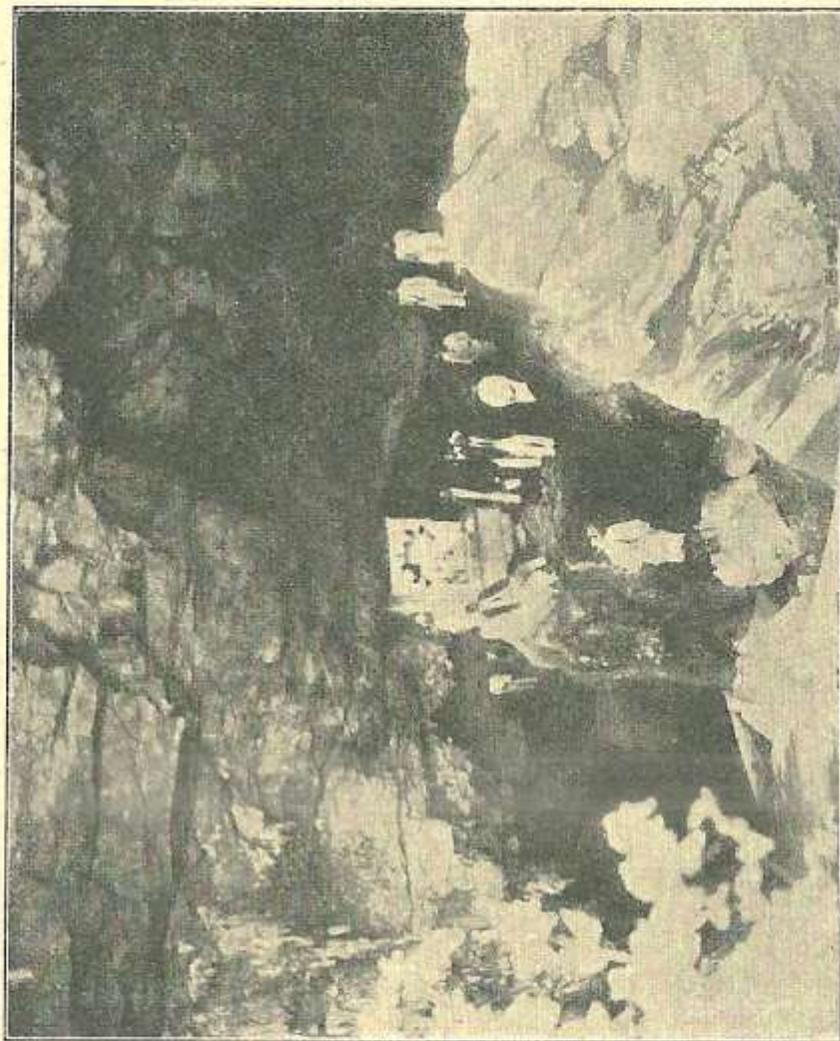
Depois de passarmos por diversas fazendas, arraiaes, povoações e villas de infima importancia, chegámos á cidade de Tuassú.

E' uma aprazivel cidade dos sertões bahianos, situada em um planalto todo cercado por cadeias de montanhas. Ha por ali, pontos que attingem alturas consideraveis, trazendo assim, difficuldades de accesso para aquelle sanatorio natural.

No entanto, uma vez vencidas as numerosas difficuldades que se tem de encarar, logra-se em compensação o prazer de se gozar um dos melhores climas da Bahia.

Bem acolhidos e familiarizados com os melhores elementos de Tuassú, estívimos com muitas familias em visita á colossal e deslumbrante gruta da «Mangabeira» situada a quatro kilometros a oeste da cidade.

É uma das mais importantes obras da natureza, criada no seio brasileiro. Esta gruta mede uma ex-



Interior da Gruta do S. C. de Jesus (Tuassú - Bahia). — Esta gruta mede uma extensão de 6 kilometros e 800 metros; notando-se no percurso de 4 kilometros lindos enfeites de stalactites e estalagmites.

tensão de 7 kilometros sob um tecto de 25 metros de espessura formado de pedras calcareas; e 32 metros abaixo do nivel do solo.

Em toda a extensão encontram-se, formando poderosas columnas, altares e pias baptismaes, os stalactites e estalagmites.

Ricos cruzeiros e altares artificiaes acham-se no interior da gruta, para a celebração do santo sacrificio da missa em tempos de peregrinação.

Attendendo-se á absoluta falta de vias para transportes, ainda não existe naquella cidade e gruta a luz electrica, sendo deste modo visitada em grande extensão, com o auxilio de archotes de bagaço ou madeira, desprendendo um cheiro acre que penetra na garganta, no nariz, e que não sómente difficulta a respiração mas ainda força os visitantes á retirarem-se.

Na visita que fizemos a essa gruta percorremos cerca de 20 compartimentos, ricos salões, amplos corredores a linda columnada e mobiliario de estalactites, voltando por um salão que abrigava um rico cruzeiro, ao pé do qual depositámos a relação nominal de nossas familias, e as das familias que nos acompanharam até ali.

* * *

Depois dessa agradavel visita voltámos á cidade, rumando no dia immediato á cidade de Bom Jesus dos Meiras.

Bom Jesus occupa a faixa de terra mais rica do Brasil em mineraes. A dois kilometros de distancia ergue-se um morro, que submettendo-se á apreciação e exame de um norte americano, recebeu á alcunha de «Museu mineralógico brasileiro».

Alli realmente se encontram em grandes quantidades, e na superficie, as seguintes preciosidades: crystal, marmore de diferentes cores, jaspe, giz, cimento, salitre, pedra hume, talco, graphite, amianto, syanite, opalas, magnetites, pyrites, granadas, olivinio, epidolo, turmalinas, spatho de Islandia, quartzo em agulhas, esmeraldas, topazio, ocre de diversas côres, rutilo, galena aurifera, feldspatho rutilo, ouro, prata, cobre, nickel e muitos outros minerios, dos quaes reconhecemos não poucos fragmentos, trazendo-os connosco.

* * *

Deante dessa amostra maravilhosa das nossas riquezas, exultámos e nos envergonhámos de ser brasileiros a um tempo. Como é possivel que isto tudo aqui esteja desconhecido, abandonado, inexplorado?...

Será preciso talvez que o estrangeiro venha amanhã apossar-se calmamente destas maravilhas, dando-nos em troca meia duzia de centenas de mil reis? Não! é preciso que sê dê instrucção ao povo! É preciso que os moços de amanhã, instruidos sobre a vida melhor que podem usufruir, nesta amada terra, possam explorar-lhe as riquezas inexhauriveis, incalculaveis... Bastará, para isso, que os nossos politicos se lembrem mais do que é nosso, sertanejo, das nossas reaes possibilidades de grande povo!

Administradores do Brasil! Olhai para o sertão! Levai aos caboclos, que por lá pisam riquezas sem conta, vivendo uma vida miseravel, o hem da educação, a luz do saber!

CAPITULO XI

Minas. Do alto dos contra-fortes da Cordilheira do Espinhaço. Panoramas infinitos! Tremedal, Rio Pardo e Grão-Mogol

Mais alguns dias de penosa viagem, e nos aproximámos de Minas. O clima ia se tornando mais doce, as manhãs, quasi sempre nevoadas, e o sol já não queimava tanto.

Todas as veredas por que tomavamos, na direcção do sul, subiam sensivelmente. Andávamos na direcção contraria da dos rios; as mattas appareciam agora, mais densas e fechadas. Muitas vezes, nas grandes solidões que tínhamos de atravessar, ouvimos o ruído e entrevimos o vulto de grandes animaes selvagens...

E iam os caminhando e iam subindo, subindo, subindo sempre. Uma errada, achámo-nos de repente cercados de morros, circumdados por uma grossa muralha, como si tivéssemos cahido numa cratera enorme... Sem poder decidir qual dos atalhos nos facilitasse a sahida, resolvemos tomar por um ao acaso, e em breve passamos a descortinar os mais maravilhosos panoramas que nos foi dado contemplar então!

Abraçavamos com a vista centenas de leguas! Só de um lado, o horizonte nos era fechado pelos contra-fortes mais e mais sensiveis da Cordilheira do Espinhaço. Ao Sul, porém, ao Norte e a Nordeste — tudo se abria á visão, num encantamento de conto de fadas. Não ha palavras que possam descrever estas perspectivas a chegar aos pincaros que tínhamos escalado.



Serra do Ouro Branco (Minas)

Os morros, aos nossos pés, pareciam brinquedos de criança. Os rios, tenues filetes de agua. E os horizontes, quasi infinitos, numa propria confusão com os céus...

Depois de nos orientarmos, pela bussola, descobrimos signaes de habitações mal arrumadas que deviam ser o povoado pomposamente chamado de cidade de Boa Vista do Tremedal.

Vencidos já pela fome cruciante procurámos o rumo daquella cidade. Em breve nos achámos numa fazenda, da «Lagôa da Anta», onde tivemos o primeiro contacto com o caboclo de Minas Geraes.

Minas, berço da nossa liberdade, repositório de nossos thesouros historicos, salvé, Minas gloriosa!

* * *

Dentro de pouco tempo, mal enganado o estomago com farinha e rapadura, entramos na villa de Tremedal, onde fomos bem acolhidos.

A' noite, foi-nos entregue um telegramma do Dr. Raul Soares, Presidente do Estado, saudando nossa entrada em territorio mineiro. Recebemos agradecidos, visitas varias e demonstrações de affecto que muito nos agradaram.

No dia seguinte, mal clareava o sol as barras do dia, tocámos para Rio Pardo.

Atravessámos algumas fazendas, por pessimos caminhos, e mal imaginavamos a noite que iamos ter. De facto, foi uma noite terrivel. Fomos ás 18 horas mais ou menos, colhidos em plena matta por uma tempestade medonha. Não nos foi possivel alcançar a fazenda Salgado, que demandavamos, e tivemos de passar parte da noite sob uma gamelleira, cujos galhos mais altos o vento ferozmente retorcia e fa-

zia estalar... Molhados, com fome, tiritavamos. E si não fora o bom humor que não deve desamparar o escoteiro, em qualquer emergencia, teriamos desesperado.

Mais ou menos pela meia noite, ouvimos o ladrar de um cão. A chuva tinha diminuido, mas não de todo cessado. Certos de que aquelles latidos não eram um sonho, procurámos caminhar na sua direcção. Em breve divisamos dentre a escuridão, á luz dos relampagos fortes, a silhueta de um casebre. Mas o cão, nosso salvador no momento, atracava-nos agora a dentadas! Si não fora as nossas perneiras e o auxilio immediato do seu dono, teriamos ficado bem feridos. O cão era valente e forte, mestiço de «fila».

Acolhido ao casebre, continuou ainda a ladrar por muito tempo. Nada tinhamos comido até então, nesse dia, a não ser alguns punhados de farinha secca. Assim, pedimos de comer. Mas o nosso hospedeiro não tinha nada com que nos satisfizesse, a não ser um resto de carne secca de mau gosto e horrivel aspecto. Que fazer? A farinha que traziamos era uma pasta: puzemol-a ao fogo e transformamol-a em pirão. E sob os olhares desconfiados do dono da casa, fomos dormir tranquillamente, com as roupas molhadas, sobre o chão nú da saleta de entrada da casa.

E que esplendido somno! Nunca dormimos melhor...

* * *

O sol do dia seguinte já nos veio encontrar em caminho. E marchando o dia todo, estropeados, demos ás 14 horas com a cidadezinha de Rio Pardo.

Ahi encontrámos o Dr. Candido de Freitas, filho de Piahy que exerce o cargo de juiz de direito.

Não temos palavras com que agradecer a hospitalidade amiga que nos offereceu, levando-nos para sua casa, e exigindo o nosso descanso ahi por dois dias.

Rio Pardo soffre de grandes difficuldades de communicações com os outros municipios e com a estrada de ferro. O seu estado sanitario é sempre mau tambem.

Alli se achava, por ordem do governo mineiro, um medico, Dr. Benigno Chaves, que muito se estava esforçando para combater as febres reinantes no local.

Deixando com saudade, aquella boa gente, rumamos para Grão-Mogol.

Ahi chegámos no dia 17 de Julho de 1924.

CAPITULO XII

Turmalina. Um baile desfeito... involuntariamente.

Primeiras noticias da Revolução em São Paulo. Diamantina. A exploração de diamantes em Mendanha. Sempre a natureza formidavel e o homem inculto.

Em Grão-Mogol recebemos optimo tratamento da parte de numerosos nortistas que ahi residem. É uma cidadezinha pequena, porém adeantada e mais prospera que as demais da zona que atravessavamos.

No dia seguinte, 18 de Julho, seguimos para Minas Novas. E ao cabo do outro dia, entravamos na rua que é toda antiga povoação de Extrema, hoje chamada Turmalina.

E merece o novo nome, porque relembra mais facilmente a sua origem, que foi o de pouso de ban-

deirantes paulistas quando á cata de ouro e pedras por estas regiões, noutros seculos.

Depois de um breve descanso, retomámos o fio da viagem. E nesse dia se deu um facto curioso! Iamos tranquillamente por um caminho, á tarde, quando vimos que de uma casinha da beira da estrada corria



Residencia do Dep. Laborne — Cidade de Grão Mogol (Minas)

muita gente para todos os lados, embrenhando-se nos mattos de redor.

Sustivemos o passo, e depois de breve reconhecimento, como vissemos muitas mulheres e crianças, chegámos até á casa.

Alguns homens nos cercaram resolutamente, em expectativa e um mais affeito disse logo:

— *Meceis vem numa horinha bem desageitada! Pois meceis num vê que nois tava no começo da*

função e meceis vem pegá gente pra guerra de São Pálo...

Os moços tinham inventado um baile para aquella noite, mas avisados por um amigo que nos vira na estrada e que nos tomara por officiaes do Exercito, estavam assustados com medo de recrutamento.

Em outros lugares, algumas vezes nos tomavam como do Exercito, ou da Policia, mas nunca tinhamos visto tal impressão de terrôr... É que havia estalado a revolução em São Paulo, de que nada sabiamos.

Não foi sem temer que, avisados, os outros convidados foram retornando á casa.

Mas o baile já não decorreu com a mesma animação e nos eramos, a cada passo, fulminados por olhares de ira ou de suspeita.

Cedo terminou a função. E ahi dormimos tranquillamente!

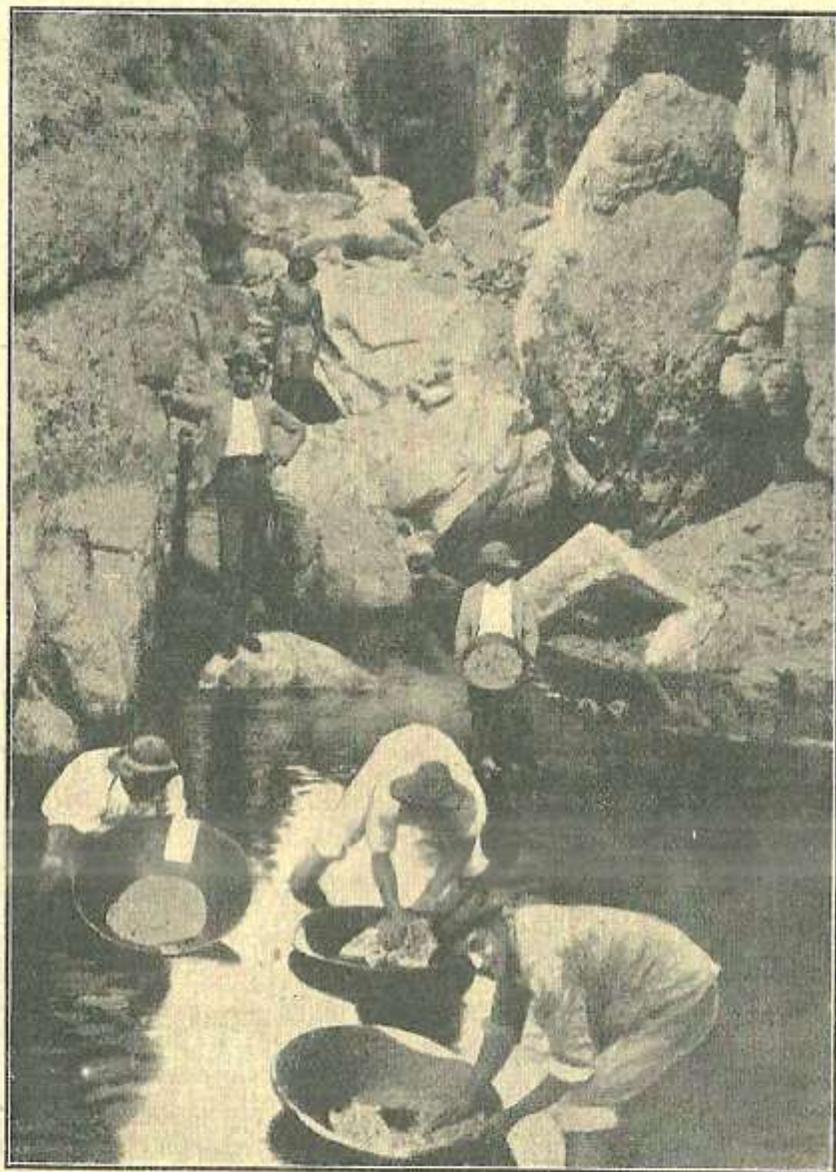
* * *

No outro dia, cedo, voltámos a caminhar, agora por escuros e accidentados caminhos, dentro de sombrias mattas. Estavamos subindo e descendo rampas da Cordilheira do Espinhaço, sendo muito penosa a caminhada.

Mas resistindo a tudo, iamos vencendo a distancia que nos separa de Diamantina.

Pousando em fazendas e casas de aggregados, avistámos, enfim, dois dias depois a suspirada meta daquella semana.

Ahi entrámos justamente no momento de uma procissão religiosa concorridissima e, sob alguns pontos, muito curiosa. E assim que para construcção de nova igreja matriz, innumeradas senhoritas e senhoras, das melhores familias, bem do povo, mais hu-



Mineração de diamantes em Grão Mogol

milde, carregavam tijolos, pedras e madeira para a referida construcção. É um aspecto do sentimento religioso muito profundo em todo o interior do paiz que percorremos, mas que muitas vezes se transforma em fanatismo.

Diamantina é uma cidade visivelmente rica, no commercio, no aspecto das construcções, etc. Mas as ruas estavam, quando ahi passámos, muito mal tratadas, quasi sem passeios á frente das casas, mesmo nas boas ruas, e sem calçamento algum. O pó era medonho.

Em companhia de varias pessoas de Diamantina fomos visitar a famosa exploração de diamantes em Mandanha, no leito do rio Jequitinhonha.

Ahi conhecemos dois typos bastante curiosos de exploradores de minas: os Snrs. Roberto Barbieri, uruguayo, e John Spanglart, americano. Informaram-nos elles que da primeira vez que sondaram o rio tiraram sómente um diamante de cinco kilates. Depois encontraram pontos riquissimos.

Assim, de 15 de março a 16 de Agosto de 1924 (dia de nossa visita) haviam colhido 6.400 kilates, que venderiam por quatro mil e quatrocentos contos!! Disseram-me que esperavam colher até o fim do anno cerca de vinte mil contos!! A producção diaria variava de oito a dez contos de reis! Riqueza fantastica!

Fantastica, inacreditavel mesmo.

Pois bem: quanto pagavam esses senhores de imposto annual ao Brasil?

A importancia de oitocentos mil reis, verdadeiramente miseravel si tivermos em conta os resultados dos exploradores.

Dizer-se que qualquer individuo que tem a sua engenhoca, planta ou cria, paga muito mais ao fisco,

directa e indirectamente!... No meio de tantas riquezas, percebiamos sempre o muito que ha por organizar e melhorar socialmente no nosso querido Brasil.

Irmãos escoteiros: procuremos a instrucção para corrigir tantos defeitos nossos e sermos dignos, um dia, dos thesouros formidaveis da nossa Patria extremecida.

CAPITULO XIII

Sete Lagoas. Mais proximos da civilização. Bello Horizonte, a linda cidade. Ouro Preto e Juiz de Fóra.

De Diamantina, em diante, caminhámos pelo leito da estrada de ferro. Apesar das pontes e tunneis, o caminho era muito melhor agora. Tinhamos igualmente quasi certeza de que não soffreriamos mais fome nem sede, por falta de hospedeiros.

Assim, entrámos animados e contentes na cidade de Sete Lagoas.

Tambem o termo de tão longa e penosa viagem se aproximava e isso nos dava forças para continuar a marcha, que enfim, não parecia mais a do Judeu errante...

Sete Lagôas é uma linda e progressista cidade. Servida pela estrada de ferro, conta ainda numerosas estradas de rodagem, bem feitas e conservadas, como vimos. A população de municipio é de quasi trinta mil habitantes.

A instrucção ahi está muito adiantada. Bellissimo grupo escolar, escolas reunidas e isoladas, alguns collegios particulares bem dirigidos.



Vista parcial de Ouro Preto (Minas)

A cidade possui 1.200 prédios de sólidas construções, deixando no meio da bella casaria uma lagôa, onde se realisam sempre animadas regatas. Possui abastecimento d'agua e esgoto, serviço de luz e força electrica e rede telephonica. São cento e tantos os vehiculos registrados na Camara Municipal, 74 dos quaes são automoveis. Os estabelecimentos commerciaes, são mais de duzentos e bastante numerosos os industriaes.

Além das impressões que colhemos acerca do desenvolvimento progressista, convem accrescentar, que delicadas e cordiaes foram as demonstrações e carinhos que nos dispensaram tão boa gente. Do Hotel Amancio, ainda bem nos lembramos, donde

acompanhados pelos «Cavalheiros do Christo», sahimos sempre, accedendo aos seus convites aos bailes e as festas, que nos offerciam. Partimos ás primeiras horas do ultimo dia feliz, em demanda á Capital Mineira.

A Bello-Horizonte, chegámos sob o ardor de um sol em brasa, depois de havermos supportado e vencido mil obstaculos, no trajecto que idealisámos fazer pela estrada de rodagem, que liga a estação de Vespasiano áquella Capital.

Exhaustos, sem animo para percorrer toda Capital a procura de hospedagem, que todos hoteis nos negavam, inda mesmo que lhes apresentassemos a autorisação de Prefeito da cidade, resolvemos gratificar a um continuo da Prefeitura, que andava commosco e mandal-o só a procura de um hotel, ou de um rancho em que pudessemos descançar um pouco, da etapa realisada naquelle dia.

Já convencidos de que naquella cidade nenhum hotel queria-nos acolher, cogitavamos em partir na mesma occasião para os lados do Sul, quando surgiu o gratificado trazendo nos labios um sorriso falso...

Logo depois, disse-nos elle: «Moços a coisa está preta... Os hoteis estão todos tomados! Ninguem quer dar commodo...»

Depois de nova procura, felizmente, foi-nos offerecido um humido porão no Hotel Central.

O que soffremos em Bello-Horizonte daria algumas paginas tristes. Não convem assignalar aqui os episodios desses dias. Que soffressemos no sertão, fóra da civilisação, estava bem: mas num meio tão civilisado?!...

Comprehendemos depois que nos estavam tomando por desertores do Exercito, fugidos da revolução de São Paulo.

Felizmente o Dr. Olegario Maciel, vice-presidente do Estado, em exercicio, dispensou-nos dois minutos de attenção e attendeu ás nossas mais urgentes necessidades sem nenhum enthusiasmo, mas com manifesta bôa vontade. É que o momento era de serias cogitações governamentais...

Sentimos não poder conhecer mais de perto a bellissima cidade justamente chamada a «Cidade dos Amores».

Bello-Horizonte é tida como um modelo de urbanismo, pois foi, como se sabe, traçada e construida para servir adrede á Capital Mineira. Começada a construir-se em fevereiro de 1894, podia para ella ser transferida a sede de governo que era até então em Ouro Preto, a antiga Villa Rica, dos tempos coloniaes.

Essa construcção segundo nos informaram, custou aos cofres do Estado trinta e tres mil contos de reis.

Domina ella, em esplendido e longinquo horizonte (e dahi o seu nome) a maior parte do *Chapadão* que se estende para o Norte, em admiravel amphitheatro!

Seus serviços publicos, como de agua, luz e esgotos são modelares. Possui muitas linhas de bondes electricos que a ligam a aprasiveis suburbios.

Sede de diversas escolas e academias de ensino superior, possui a bella capital, alem disso, muitos grupos escolares, jardim de infancia e escola profissional.

Sua população é calculada em mais de cem mil habitantes.

* * *

As 13 horas do dia 2 de outubro, deixamos em fim Bello-Horizonte, com destino a Ouro Preto.

O ambiente de Ouro Preto fala ao coração brasileiro! Relicario de nossa historia, é ao mesmo tempo de indizivel pittoresco, capaz de evocações profundas de nossa alma...

Foi naquella historica cidade serrana, que Tiradentes e seus companheiros lançaram a pedra fundamental para o alicerce, em que devia ser, mais tarde,



Praça Tiradentes em Ouro Preto — Ao fundo, a Escola de Minas

edificado o grande monumento da Liberdade de que hoje gosamos.

Chegados alli, ás 18 horas, fomos considerados hospedes da Camara Municipal tomando aposentos no Hotel Toffolo, onde duas horas depois fomos cumprimentados por uma commissão de estudantes, cujo numero se eleva a 400. Aceitando seu instante convite, nos mudamos do Hotel para suas Republicas.

No dia immediato estivemos em visita á bella Escola de Minas, considerada o monumento de educação mais perfeito no genero do Brasil.

Em companhia de diversos conterraneos, estudantes alli, e acompanhado pelo illustre e competente engenheiro, Dr. Pedro Queiroga, visitámos todos os templos da cidade, verdadeiramente obras primas ou reliquias historicas, originaes pelo seu aspecto e estilo, e sobre tudo pela riqueza dos adornos de pedras preciosas e ouro que encerram.

Em seguida visitámos os seguintes pontos:

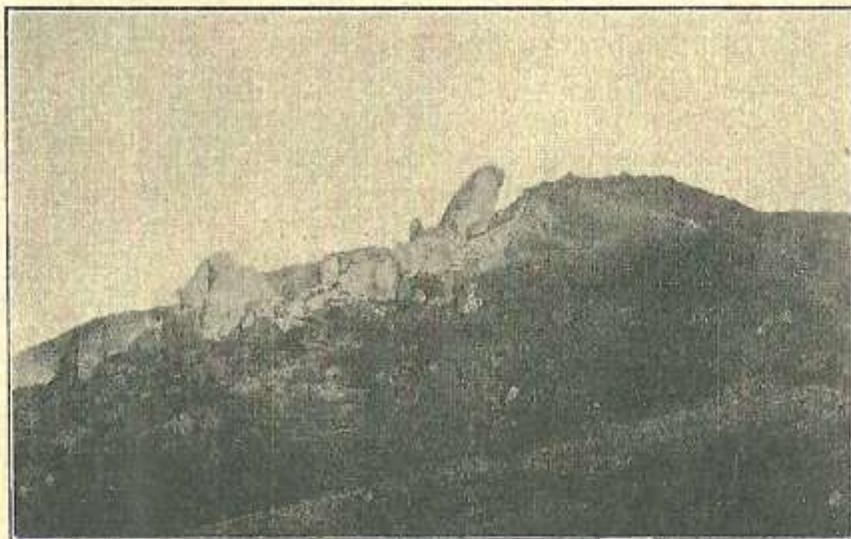
A forca em que eram executados os condemnados á morte; o Abrigo dos leprosos, que são tunneis cavados nas ribanceiras da estrada de rodagem que liga Ouro Preto á cidade de Marianna; a Ponte dos Suspiros», onde Dirceu tinha suas conferencias amorosas com Marilia; o pequeno quartinho escuro, no qual falleceu ou assassinaram Claudio Manuel da Costa, saliente vulto da Inconfidencia; e outros pontos notaveis.

No outro dia, visitámos a Penitenciaria construida totalmente de pedras, com paredes de espessura de quasi dois metros; e a casinha, onde conspirava Tiradentes com seus companheiros; o local da casa de Tiradentes e todas as dependencias da Escola de Minas, antigamente Palacio do Governo.

Este estabelecimento de ensino que muito recommenda e bem alto colloca o nome do Brasil, vê-se a leste da praça em que foi erigida em uma estaca a cabeça do proto-Martyr da Liberdade. Seu curso é feito em 6 annos e comprehende o ensino de todas as materias necessarias ao engenheiro. O regimen da escola é rigorosissimo e os estudos muito severos. É digno de nota um forno electrico, de typo especial, inventado pelo professor Dr. Antonio

Barbosa. Nelle já se realisaram com resultados lisongeiros experiencias de grande interesse, tendentes a resolver praticamente o problema do tratamento de minerio de ferro pela electricidade.

As colleções de geologia, mineralogia, botanica, e zoologia são ricas de exemplares, todas cuidadosamente classificadas, de modo a facilitar considera-



Aguilhas Negras, no pico Itacolomy — Ouro Preto (Minas)

velmente o estudo. O gabinete de physica está provido de grande copia de apparatus, permittindo as lições praticas completas.

Os laboratorios de chimica funcionam diariamente, e nelles se fazem as analyses de minerios vindos de todos os pontos do Brasil.

Uma visita á Escola de Minas, é ponto obrigado do programma de todos aquelles que passam por Ouro Preto, e deixa sempre uma impressão agradável e immorredoura.

Depois de satisfazermos o convite que nos fizeram os estudantes no sentido de assistirmos ás festas commemorativas do anniversario da Escola, que passa a 12 de Outubro, partimos para Queluz, passando no dia seguinte para Barbacena e Palmyra.

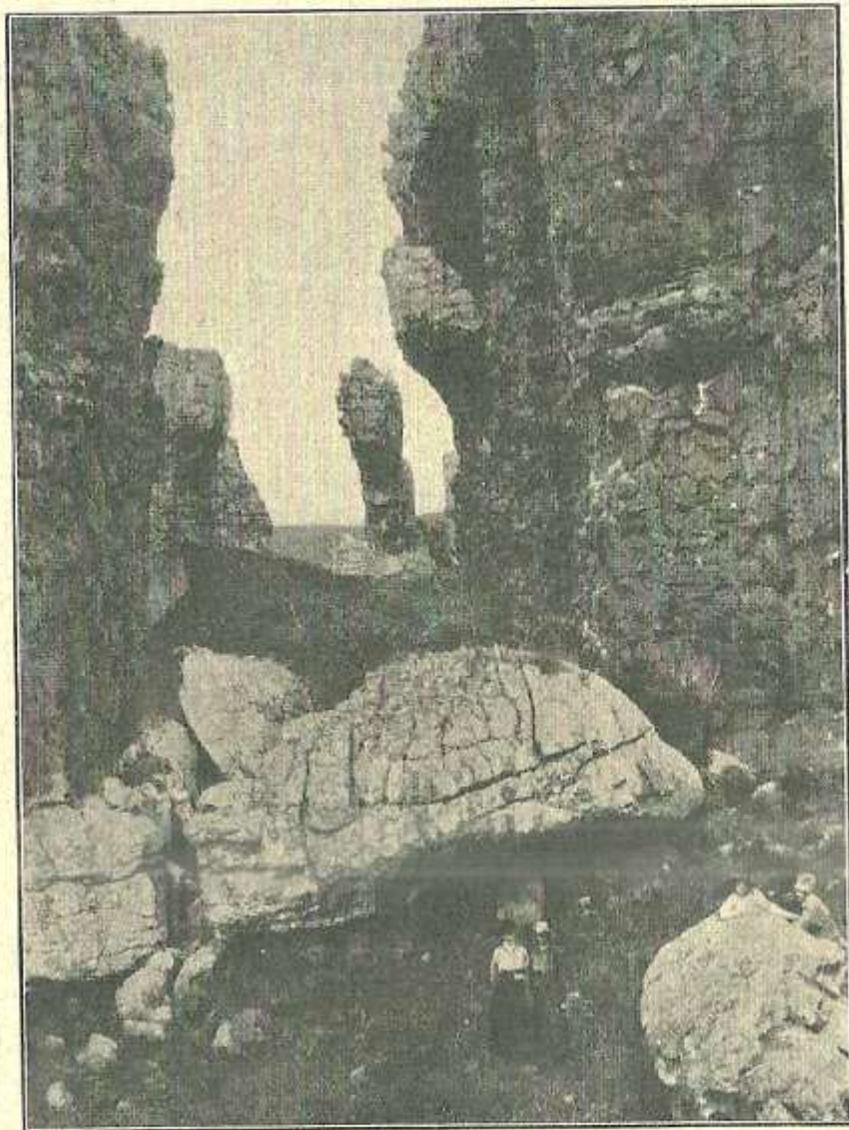
Nesta ultima cidade chegámos ás 19 horas, sob torrencial chuva, que cahia desde ás primeiras horas d'aquelle dia.

Attendendo a absoluta falta de recursos, que ha muito nos dominava, procurámos immediatamente o Sr. Presidente da Camara, que se achava em companhia de alguns amigos no Hotel Borboleta.

Já enfadados com a viagem daquelle dia, que nos custou 70.405 passos ou sejam 56 kilometros e 200 metros, nos adiantámos para os lados do referido hotel ainda sob muita chuva, famintos, rasgados e supportando uma bagagem que então pesava 25 kilos.

Foi preciso para salvar o preço de nossa estadia num hotel de segunda ordem, da cidade, tomarmos por emprestimo a quantia de duzentos mil reis, á importante firma Mathias & Irmãos, cuja bondade aqui agradecemos penhoradíssimos.

E assim deixámos essa cidade mineira.



Serra do Onro Branco (Minas)

CAPITULO XIV

**Rumo de Petropolis. Novos horizontes,
novas emoções. A Capital Federal. O escotismo
como factor de união brasileira**

Descrever nossa viagem, ladeando o caminho de ferro de Juiz de Fôra a Queluz, de Queluz a Palmyra, e, desta famosa cidade á Parahyba do Sul seria repisar incidentes já conhecidos dos nossos leitores.

Da ultima localidade até Petropolis, porém, não só os scenarios naturaes nos surprehenderam e animaram assim como a victoria do Raid nos orgulhava!

Interessante episodio se deu nesse trajecto, demonstrando o valor da educação do escoteiro. É assim que descançavamos, após ligeira refeição á margem de um aterro da estrada de ferro, quando um de nossos companheiros verifica estar sentado sobre uma pedra que occultava uma não pequena serpente... No movimento de surpresa, e no salto que deu, desequilibrou-se e foi de raspão pelo desfiladeiro abaixo até sumir-se entre moitas de espinhos e trapadeiras sylvestres.

Nossa emoção foi terrivel, mas rapida.

Gritámos para baixo, e o companheiro respondeu com um « alerta » firme e decidido! Cumpria salvá-lo, immediatamente. Si descessemos todos, o problema se complicaria, pois a subida era medonha e não havia sahida facil por outro caminho.

Subito, acode-nos a idéa de içá-lo com cipós. Gritámos de novo para que esperasse e vimos agitar-se ao fundo do despenhadeiro. Cortámos alguns cipós,

emendamol-os com nós de marinheiro, e amarrando a ponta a um pedaço de pau, para que tivesse peso e melhor direcção lançámo-lo para baixo.

Mas o cipó não chegara ao fim do abysmo e não podia servir de arrimo ao companheiro.

Sem outro ponto de apoio, um de nós se agarrou firmemente a um trilho da estrada, outro se sustentou a elle pelas pernas tendo amarrado ás botinas a pesada cadeia de cipós... Com aquella cadeia humana, o cipó chegava a altura da mão do companheiro, que começou a subir, fazendo-nos estalar as articulações...

— Eia! eia! eia! ouvimos e correspondiamos. E a subida foi-se fazendo lentamente, primeiro, depois mais firmemente, porque o aterro era de menor inclinação.

Nisto, porem, succedeu o inesperado. Numa curva subita, ronca o comboio do horario! Ao seu ruido um arrepio nos sacudiu a todos e sentimos como que uma vertigem!

Si o camarada que se agarrava aos trilhos não o largasse, ficaria sem mãos... Si os abandonasse seríamos os tres precipitados e, talvez com peiores consequencias.

E o tempo urgia! Não era possivel tomar qualquer providencia rapida sem aviso do companheiro suspenso. Não era possivel largar dos trilhos para conseguir outro ponto de apoio. E o trem, pesadamente, se aproximava!... Era horrivel!

Mas o escoteiro tem iniciativa, precisa ter iniciativa.

Sem perda de um instante, o primeiro camarada, em cima, se sustentou num só braço, e com a outra mão, rapidamente, cavou entre o espaço de dois dormentes e passou a segurar por baixo dos

trilhos no rebordo cortante de baixo, mas possível de ser mantido seguro por instante.

O comboio se ouvia mais proximo... E já no momento que quasi nos alcançava o companheiro de baixo grita victoriosamente e apparece ferido e sujo sobre a beira do barranco... Foi o instante de largar os trilhos, e passar a locomotiva resfolegante!

Esse episodio foi dos nossos ultimos mezes de viagem o mais emocionante, mas ao mesmo tempo foi uma prova admiravel da nossa união e solidariedade.

Não foi sem justa commoção que nos abraçamos todos, em seguida.

* * *

Nossa chegada a Petropolis nos deu a impressão de um sonho magico. Faltam-nos palavras para descrever aquella cidade maravilhosa, em berço esplendido de verdura, sulcada de murmurosos regatos e refrescada por fontes a cada canto...

Seus jardins são maravilhosos; innumeradas vivendas construidas com gosto e sumptuosidade maravillham a vista naquelle scenario. E que admiravel clima!

Commovidos nos descobrimos deante da esttua de Pedro II, que orna uma das bellas praças da sua querida cidade.

Visitámos a bella cidade e seus arredores, e sob a sombra das arvores, ouvindo o rumor das aguas do Paquequer, ahí descansámos satisfeitos.

Devíamos cumprir, porem, o plano traçado e descer até o Rio, para tomar depois o rumo de São Paulo.

CAPITULO XV

A Capital Federal.

**Dois traços sobre a psychologia do carioca.
Rumo de São Paulo. Emfim, vencedores!**

A narração modesta de nossa viagem perde todo interesse deste ponto em diante. Si a nossa observação bastava sobre a vida simples do sertão, no contacto rude da natureza, agora deslumbra o espirito e o entorpece...

Que havemos de dizer do Rio?

A primeira impressão foi a de verdadeira embriaguez, muito justificada. Passamos um anno no matto, sempre longe das maravilhas da civilização. E eis que o Rio se desenrola, ante nossos olhos, como um sonho magnifico!

A bahia, os morros, as extensas avenidas, os passeios magnificos, o movimento vertiginoso das ruas, tudo nos deslumbra...

Dois dias, apenas, durou essa sensação de maravilha. E' que iamos sendo acolhidos por todos como... ingenuos. Houve um jornalista que nos perguntou si de facto, «andámos» todo o percurso ou se não «fingimos vir a pé» vindo embarcados...

Não encontrámos tambem o desenvolvimento que suppunhamos da extraordinaria criação de Baden Powell. As autoridades, com varias exceções, acolheram-nos com reserva, quasi desdenhosamente...

Manda a lealdade que aqui assignalemos que o momento era de grandes duvidas e apprehensões, que o espirito publico estava voltado para os tris-

tes acontecimentos consequentes á revolução de São Paulo. Contudo, sentimos que o nosso acolhimento foi muito pouco terno, mesmo nessas circumstancias, — e que nos doia não como uma affronta, mas como uma dolorosa injustiça á mocidade cearense...

A affirmação generalisada que o carioca depressa se inflamma com coisas futeis e não se impressionava com o trabalho, o sacrificio, o bem da patria não é verdadeiro em geral. Si o fosse, aliás, estaríamos perdidos...

Mas que esse sentimento é principalmente o das repartições publicas, o do mundo official, não resta a menor duvida.

Nossa demora, portanto, não podia ser longa. E, sobre tudo, ardiamos no desejo de tocar para São Paulo, ponto final do nosso raiz.

* * *

A capital paulista pagou-nos alguns dias depois, com carinhosa recepção, todas as maguas, todas as dores. Em São Paulo, tem-se a noção exacta do que vale o escotismo e respeita-se a modesta farda que levavamos.

Não só o governo nem só a mocidade e a infancia das escolas, — mas o proprio povo — comprehende e faz questão de demonstrar o valor da educação do escoteiro.

Repetir as noticias do acolhimento generoso, magnifico, que tivemos por parte do governo do Dr. Carlos de Campos, das auctoridades em geral e do povo, seria encher paginas escriptas com o coração!

Tudo tivemos. Desde o conforto do lar, até as viagens, os passeios, as homenagens mais doces e agradaveis.

E vimos, como tanto desejavamos não as nossas modestas pessoas elevadas e engrandecidas, — mas, sim o nome cearense honrado e glorificado!

Ave, São Paulo!

Mesmo pouco tempo depois de um choque tremendo como foi a revolução de Julho, sentimos palpitar o seu coração na justiça das melhores causas do Brasil.

São Paulo não é só uma forja de trabalho: é um altar de patriotismo. Aqui não só se exalta o valor do esforço material, na producção das grandes industrias mas acalenta-se a alma da grande Patria Vindoura.

Ave, S. Paulo!

Aqui lhe deixamos, por nós e pelo Ceará muito amado, os nossos corações!

São Paulo, 1925

PATRIA

(Hymno da Viagem dos Escoteiros do raid Ceará - S. Paulo).

Patria — é o azul deste céu — setim que nos orgulha.
É o amor de nossa mãe a cantar dentro d'alma.
É a saudade do berço. É a vaga que marulha,
Espumarenta e cruel, sem destino e sem calma!
É a sublime expressão do idioma que fallamos;
Uns farrapos de luz em nossos olhos baços.
É o sabiá despertando a harmonia nos ramos;
Quando o sol lança, no ar, sêus primitivos traços!
É a anthese divinal de um sonho immorredoiro,
Arrancando orações do nosso labio mudo.
É este immenso rincão emoldurado em oiro...
— Este solo abrasado e em berço de velludo!
É o Amazonas, brutal, essicoleando ancioso;
Ora, revoltó e mal; ora, em rumor de festas;
Levando, para o oceano, outro mar caudaloso,
Na saudade aromal destas verdes florestas.
É o mugido dos bois, no madrugár dos campos;
O arado do progresso a gleba removendo.
É a noite a despertar milhões de pyrilampos
Que, pelo escuro, vão, subtis, phosphorecendo.
É o pendão auri-verde a tremular nos mastros,
Pannejando, soberbo, ás caricias do vento...
São mil bustos de heróes, em plynthos de alabastros,
Sob as benções de luz do nosso pensamento.
É a voz de Ruy Barbosa atravessando os Andes,
Portentosa e sublime, a proclamar — Justiça!
É a conjunção de amor dos pequenos e grandes;
O morrer, affrontando e em desbragada liça.

Patria — é a luz deste sol que nos aquece os musculos!
É o filho que nos beija. É a mãe que nos consola.

É a apothese do azul, em todos os crepusculos.
É a choupana embalada, ao tilintar da viola.
É a rouxinolação dos passaros em Maio.
É o outomno esmaltando as folhas do pau-d'arco.
É a palmeira, a rolar, fulminada do raio.
É o coaxar dos reptis no marulho do charco.
São os gallos «riscando» em madrugadas de oiro,
Deslumbrados do vir encantado da aurora.
É a onça em disparada, ao mugido do toiro!...

É o sorriso de alguém dentro da alma que chora!

A Patria que conheço é tudo finalmente:
É o orgulho que eleva. É o amor que domina.
É a perola engastada, esbelta e refulgente,
No invejavel collar da America Latina!
— Patria — Brasil que adoro e me prende e reanima,
Na magoada expressão de alguns olhos sem lume;
És meu verso cantando a epopéa da rima;
És a vida. És o amor. És o som e o perfume!
Quando eu sulcar da morte o illimitado espaço,
Arrastando da vida o derradeiro anseio,
Patria! deixa dormir, em teu livre regaço,
O meu corpo gelado, ao calor do teu seio!

HEMETERIO CABRINHA



DEMONSTRAÇÃO DA MARCHA DOS ESCOTEIROS CEARENSES

— NO —

« RAID FORTALEZA - S. PAULO »

(2-12-1923) — (28-11-1924)

Estados	Tempo em Marcha	Passos	Leguas
Ceará	21 dias	792.473	95
Parahyba . . .	9 „	316.465	37
Pernambuco . .	9 „	328.111	39
Alagoas	12 „	336.523	40
Sergipe	13 „	450.139	54
Bahia	44 „	1.767.998	213
Minas Geraes .	58 „	2.253.512	270
Rio de Janeiro .	3 „ 8 h. 38 m.	196.162	59
Rio de Janeiro .	6 „ 2 „ 36 „	297.329	—
Districto Federal.	2 „ 11 „	29.119	—
Districto Federal	2 „ 15 „	18.135	5
São Paulo. . . .	8 „ 1 „ 44 „	421.368	50
Totales :	183 dias 17 h. 24 m.	7.207.335	864

TOTAL EM KILOMETROS: 5.184



O BOM COMPANHEIRO



CORIOLOANO DE MEDEIROS	Cr \$
Manaira	6,00
JAIMÉ DE ALTAVILA	
O Quilombo dos Palmares	6,00
PEDRO CALMON	
O Tesouro de Belchior	6,00
MIGUEL DE CERVANTES	
Aventuras de um Escravo Branco	4,00
J. A. DOS SANTOS	
Gaivotas	6,00
LUIZ AMARAL	
A Mais Linda Viagem	5,00
VISCONDE DE TAUNAY	
Trechos de Minha Vida	6,00
A. B. NEPOMUCENO	
Oitocentas Léguas a Pé	3,00

JACANÁ ALTAIR	Cr \$
Memórias de uma Colegial	4,00
João Negrinho	6,00
PAUL GRABEIN	
No Braseiro dos Trópicos	6,00
FRANZ TRELLE	
O Filho do Gaúcho	7,00
JOANA MAIRET	
História de Pedrinho	3,00
X. DE MAISTRE	
A Jovem Siberiana	3,00
ANA SEWELL	
Beleza Negra	5,00



À venda em todas as boas livrarias ou, pelo "Serviço de Rembólio Postal", na
COMP. MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO
 Indústria de Papel

SÃO PAULO
 Rua Libero Badaro, 401
 Caixa Postal 1208



RIO DE JANEIRO
 Rua Gonçalves Dias, 9
 Caixa Postal 1017

O livro "Oitocentas léguas a pé" foi editado pela Edições Melhoramentos, no ano de 1925.

Possui o formato A5 (13 x 18 cm) encadernado com costura.

Com capa dura ilustrada a cores.

Possui 97 páginas em preto e branco, com fotos em p/b.

Esta obra foi cedida pelo chefe Alexandre Banchi

A digitalização e montagem do pdf foi feita pelo Chefe Paulo do site lisbrasil.com